

Oferta

-0. NOV. 1993



Teresa Cabala

*Vida
Mundial*

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades

AQUI entre Nós

Inventário & Balanço

HOJE E AMANHÃ

REPAREM V. Ex.ª nos actuais chapéus femininos — *les petits chapeaux de ce printemps* — e digam-nos se, na maioria, eles não constituem verdadeiras aberrações de natureza estética. Em forma de prato ou de funil, de caçarola ou de pepino, de gôro de palhaço ou de couve lombarda, afiguram-se-nos, ao vê-los, que outra coisa se não pretendeu que não seja isto: desconcertar o homem. E, entre tanto — ó mistério subtil — como essas aberrações ficam bem às caras bonitas, e como apetece tirar rascadamente, em certos casos, os nossos chapéus admiráveis... quando passam aqueles chapéus tão feios!

II II

UM amigo nosso, sentindo-se deprimido, foi há pouco ao médico — que lhe recomendou absoluto repouso durante oito dias. Ao fim duma semana que voltasse lá! Assim aconteceu, com uma pequena diferença — aqui entre nós: o doente não fez qualquer repouso. Pois o médico ao examiná-lo, de novo, não deixou de exclaimar, convencido da eficácia da sua receita:

— Esse coração já parece outro... O repouso é o grande remédio para estas coisas!

Oh! os médicos!

II II

PASSOU recentemente o 97.º aniversário do nascimento de Rafael Bordalo Pinheiro. O grande artista, cujo monóculo dir-se-ia cintilar ainda através da névoa do tempo, mantém-se vivo, na palpação eterna e juvenil da sua obra. Ainda há pouco lemos que a sua gargalhada sarcástica continua a vibrar na nossa época. Tendo retratado com o seu lápis fulgurante uma galeria imensa — políticos, escritores, artistas, elegantes, tipos populares — Bordalo não fez apenas caricatura: fez história. Quem quiser estudar a fundo a sociedade portuguesa do último quartel do século XIX — tem no *António Maria*, nos *Pontos nos II*, na *Paródia*, elementos imprescindíveis.

Ainda a semana passada aqui falámos do problema do turismo e da sua expressão especial de interesse para nós — que não há de ser eterna a guerra. Nesse mesmo sentido, houve em Lisboa uma reunião de delegados dos organismos regionais de turismo, durante a qual o director do S. P. N. fixou alguns princípios gerais que convém ter presentes. Por muitos anos se falou, entre nós, da inviabilidade de se fazer a propaganda turística de um país que não tinha uma rede de estradas em condições. Hoje, que essa preocupação está eliminada, temos as estradas mas não há com que fazer circular por elas os automóveis. Este, porém, é um aspecto transitório, pois fica-nos a certeza de que, quando se puder restabelecer essa circulação, estamos habilitados a poder garantir-lhe a melhor tranquilidade e comodidade nos percursos sobre o nosso país. Outro problema, porém, é o do alojamento dos turistas. Não basta dizer-lhes: «venham». Nem basta dar-lhes o direito a certeza de boa circulação. É preciso oferecer-lhes, também, a certeza de que, quando cá chegarem, terão onde ficar. É a questão dos hotéis. Um diplomata estrangeiro, que viveu alguns anos entre nós chefiando a missão do seu país e que por alguns das nossas regiões tinha um culto de verdadeira admiração, queixava-se da qualidade dos colchões usados nos nossos hotéis: nunca tinha experimentado cama tão dura... A verdade é que, entre nós, há um pouco o vício dos extremos: ou tudo — ou nada. Isto é: não podemos passar do regime da pensão indesejável, sem cómodo nem higiene, para o regime de hotel de luxo, porque nem é possível construir e manter hotel de luxo em todas as pequenas localidades, com algum interesse de turismo, nem podemos ter a estulta suposição de que todos os viajantes são milionários. Vamos para o tipo intermédia «pousada», criado pelo S. P. N. Corresponde ao que se deve entender como capaz de satisfazer as nossas necessidades: higiene, comodidade, simplicidade, bom gosto, boas maneiras — certa graça em tudo, nas coisas e nas pessoas. É com essas armas que precisamos de apetrechar o nosso arsenal de turismo. E chegam bem para nosermos a nossa batalha.

ADMIRAR

O episódio do contra-torpedeiro «Lima», esfrangalhado pelo temporal, entregue mesmo assim à sua tarefa de salvar naufragos do outro temporal maior que é a guerra, veio narrado nos jornais e não havia de ser contado aqui outra vez. Mas tem pormenores de emoção dramática verdadeiramente impressionantes, que poderiam figurar em livro de leituras para meninos, com a imaginação povoada de heróis.

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

PUBLICA-SE TODAS
AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:

JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO:
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
TELEFONE: 25844

FOI presa, recentemente uma mulher por andar a mendigar. Pois foram-lhe encontrados, suados entre farrapos, vários embrulhos de dinheiro num total de algumas centenas de mil réis. Se a pobreza é susceptível de converter-se numa fonte de receita, esta mulher — e não é caso único — converteu em realidade aquilo que a muitos se afigura um paradoxo: a miséria do capitalismo.

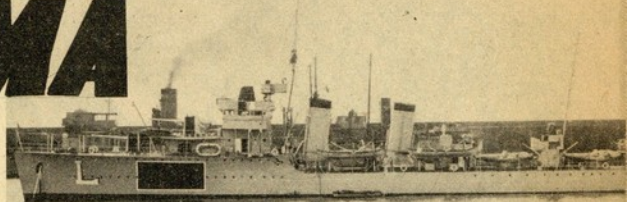
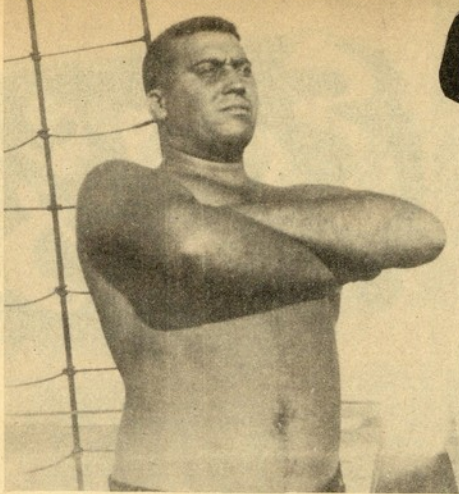
II II

NO estúdio do S. P. N., está patente uma exposição de figurinhas de barro que as mãos de Francisco Elias modelaram na expressiva argila das Caldas. Merece bem que se passe por lá meia hora, pelo menos. O discípulo, colaborador e companheiro de Rafael Bordalo tem ali uma prova exuberante da sua maravilhosa arte de miniaturista. Se a morte reserva para os verdadeiros artistas um lugar aparte no além-túmulo Rafael Bordalo e Francisco Elias — tão cedo desaparecido da vida — devem continuar, na penumbra da eternidade, o mesmo sonho que os deslumbrou na sua existência terrena.

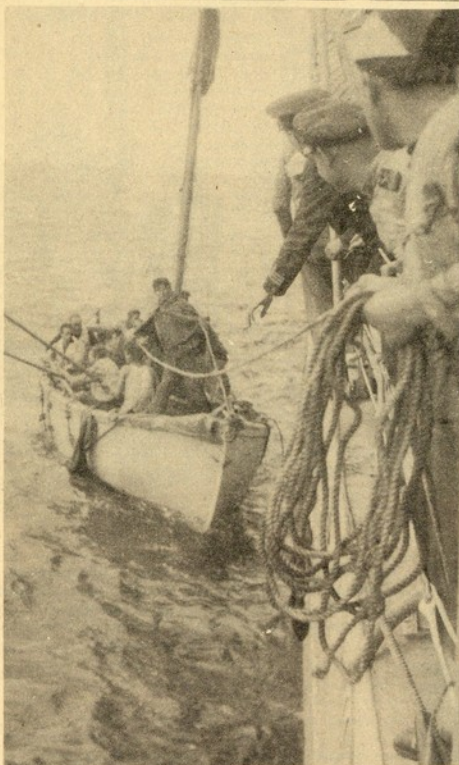
II II

EVIDENTEMENTE, quantos prestam o seu concurso a «Vida Mundial Ilustrada» possuem indiscutível espírito de boa vontade e de equipa — aquêlê espírito que não pode nunca prescindir-se num grupo organizado para uma função colectiva. De entre todos, porém, queremos destacar hoje Armando Seródio — um repórter fotográfico de larga feição moderna e que tanto valoriza o nosso esforço. A capa que publicámos no número passado — «Primavera em Flor!» — é uma excelente comprovante do seu valor de técnico e de artista. O leitor há-de ter dado conta dessa realização — e porque como nós a apreciou, com certeza que há-de também compreender as razões que nos levam a testemunhar o nosso apreço por um companheiro de trabalho que, além de outras boas qualidades, tem esta de ser modesto...

COMO OS PORTUGUESES DO LIMA

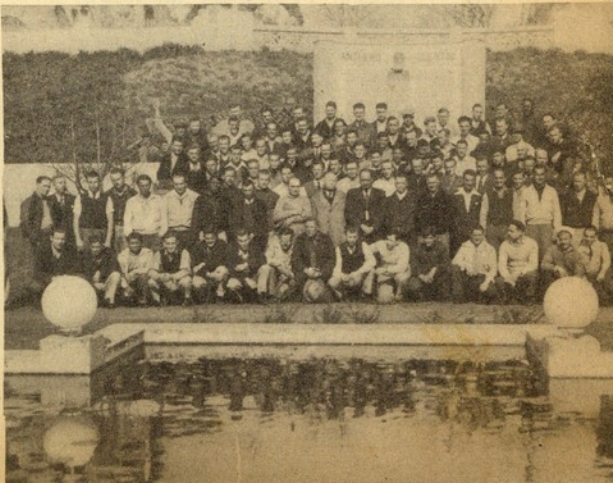
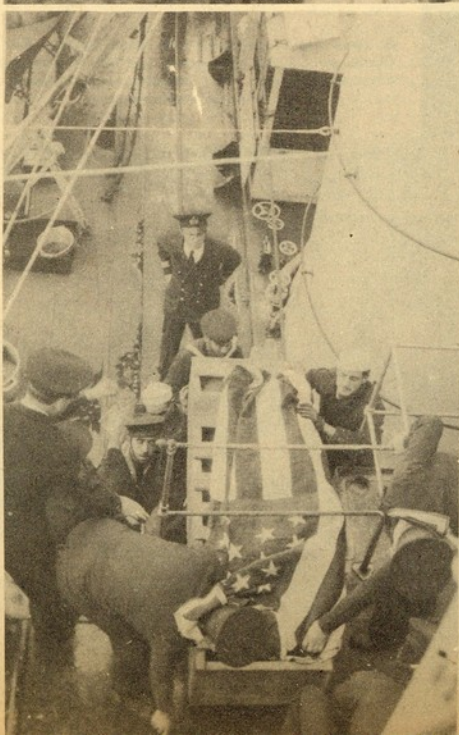


Salvaram OS NAUFRAGOS DE DOIS NAVIOS AMERICANOS

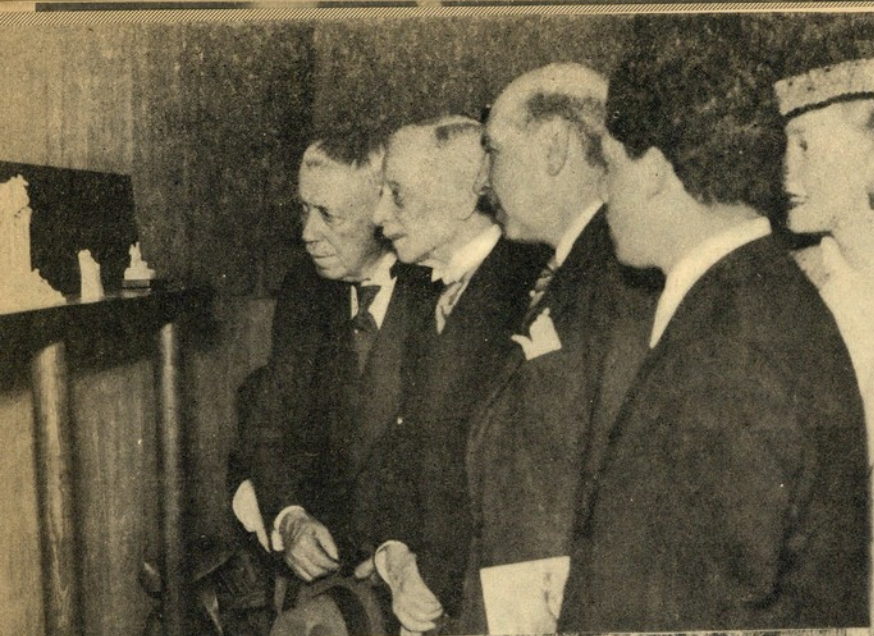


Como na canção popular, poderia começar-se a lenda desta página assim: «Lá vem a Nau Catrineta...» A odisseia do «Lima» dava muito que contar: os perigos de guerra, os perigos do mar inclemente, naquela hora do dia 26 de Janeiro em que o mandaram sair de Ponta Delgada, a socorrer os naufragos americanos. Foram 118 as vidas salvas em lances dramáticos que já foram relatados. As imagens fotográficas que aqui reproduzimos dizem-nos alguma coisa do que foi a heroicidade dos homens que trabalharam sob o comando do sr. capitão-tenente Sarmiento Rodrigues.

Essas fotos ao mesmo tempo que são de um dramatismo impressionante, revelam-nos mais uma vez como nesta tremenda guerra os nossos homens do mar têm sabido compreender no mais alto grau os seus deveres de humanidade e de solidariedade humana. De tudo elas nos mostram: desde o velho mafinho audaz, sacrificando a sua própria vida por outras vidas, o «Lima», o barco que surgiu nas águas revoltas como um milagre de Deus, até às várias fases do salvamento, o transporte, com todas as honras, dos tripulantes dos navios torpedeados que na tragédia perderam a vida, e, já em terra, os naufragos reunidos, eternamente agradecidos aos seus salvadores — a estes portugueses humildes mas bons que neste mundo em guerra tão bem sabem cumprir a sua missão de paz.



Entre nós



Inaugurou-se há dias no Salão do Secretariado da Propaganda Nacional uma exposição de estatuetas do mestre Elias, que constitui um dos mais notáveis acontecimentos artísticos desta temporada. No foto, o sr. Presidente da República e o sr. Ministro da Educação Nacional visitando a exposição.

Os antigos alunos do Colégio Militar, aqueles que completaram o curso desse Colégio há 25 anos reuniram-se há dias numa festa de recordação e de saúde. O cliché mostra-os junto do monumento comemorativo da fundação desse modelar estabelecimento de ensino.



No Seixal, realizou-se há dias a inauguração da Casa da Infância da casa Mundet, uma das nossas mais importantes organizações industriais e cuja obra social de assistência aos seus operários é digna dos maiores elogios.

A essa festa enternecedora assistiu Sua Ex.^a o Chefe do Estado, que se vê na foto da esquerda acompanhado de sua esposa, acarinhando as crianças protegidas.



O sr. General Carmona, tendo a seu lado o sr. Ministro do Interior, dr. Trigo de Negreiros Sub-Secretário de Estado das Corporações, e dr. Mário Madeira, Governador Civil de Setúbal, lendo uma mensagem de saudação, impressa em cortiça, que lhe foi entregue pelo pessoal da casa Mundet.

O QUE UM PORTUGUÊS VIU EM LONDRES

TINH A chegado havia poucos dias e trazia, com certa zia, impressões novas para nos dar. Londres, depois de tantos bombardeamentos, 1.º «front» das Nações Unidas, vista por um jornalista português, era, na verdade, um tema de entrevista. O sr. Diniz Bordalo Pinheiro — tronco de uma gloriosa árvore de artistas — viera de Londres, onde a profissão de jornalista o chamara, e tinha realmente algo de novo para nos contar.

O director do «Jornal do Comércio» começou, assim, por nos dizer quanto apreciara o espírito de disciplina de um povo que na guerra requintou as suas virtudes do tempo de paz.

— Não imagina — diz-nos Bordalo Pinheiro — que magnífica lição de patriotismo e civismo nos oferece Londres!

— E o espírito combativo?

— Para lutar até à vitória. O londrino como que não tem pressa de vencer. Ele quer lutar com armas seguras, acredita que uma vitória fácil não lhe permitiria uma paz definitiva.

— Guerra total, vitória total...

— Exactamente. Para isso se tem equipadado durante estes quatro anos da mais dura experiência. Posso dizer-lhe, até, que as condições anormais da guerra criaram como que uma normalidade de vida que, se está longe de ser alegre, contém já muito de suportável.

— Mas os costumes, a vida toda deve ter sofrido alterações fundamentais...

— O contrário, bem vê, é que seria de estranhar. Mas o espírito de adaptação e os imensos recursos do império fizeram da ilha uma fortaleza sob todos os pontos de vista inexpugnável. Sabe lá o que é a revolução social e económica operada em Inglaterra! Basta que lhe diga: Londres, com os seus arredores, de grande zona industrial, transformou-se, de um dia para o outro, em região agrícola. Quilómetros e quilómetros de terra baldia transformaram-se em excelentes campos de cultura. A batata, os legumes, tudo o que é produto da terra e se adapta às condições do solo e do clima se cria agora ali em abundância. O londrino saiu da City para os arredores, e quando é abastado, é que se fez lavrador, empresta as suas alfaias agrícolas áquelas que as não têm, num magnífico sentido de cooperação.

— Dentro de determinações oficiais?

— De maneira nenhuma. Em Londres não seriam precisas hoje, na maioria dos casos, a chancela da lei... Basta que o Governo expresse uma vontade, e logo o povo, solidário, corre a realizar esse mandato. Ninguém se atreve a cometer um abuso ou a fugir ao cumprimento do seu dever. Pelo contrário: posso assegurar-lhe que todos vão

além daquilo que se pede, sempre que a disciplina o permite.

— A população não sente a falta de certos produtos?

— Não falta nada em Londres, dentro do mais rigoroso e perfeito racionamento que pode imaginar-se.

— Mas essas restrições...

— São feitas à base de um estudo científico, com uma precisão cronométrica. Assim, por exemplo, acha que pode haver fome, quando todos os restaurantes são obrigados a apresentar dois pratos de «hors-d'oeuvre», à escolha, um prato farto de carne ou peixe, seguido de fruta, queijo ou doce, sem faltar a bebida à escolha?...

O sr. Diniz Bordalo Pinheiro explica ainda:

— Todos os restaurantes, do mais elegante ao último, estão sujeitos a este regime, e nenhum pode cobrar mais que 5 shillings por refeição, acrescidos de uma taxa que varia com a categoria do estabelecimento, está claro.

— Falou em bebidas à escolha: também o vinho do Pôrto?

— O velho e apreciado «Port Wine» está a perder terreno em Inglaterra, e digo-lho com tristeza. Compreende-se: os grandes «stocks» estão a esgotar-se; vinho não vai agora com grande facilidade, o paladar habituava-se a outras bebidas e, pouco a pouco, prescindirá dos nossos vinhos, porque se esqueceu do seu gosto... Afigura-se-me este um problema muito importante para a nossa economia...

— Falou-nos de racionamento de géneros...

— Cada individuo tem direito a «cupons», número que não varia com a condição social do individuo. Neste ponto, devo dizer-lhe até que a guerra que está a travar-se para lá do «front» tem este segundo aspecto revolucionário e social que muitos anos de doutrinação política ou religiosa não tinham conseguido obter: uma grande confraternização de classes. E, depois, devo dizer: um «cupon» não é nunca um cheque sem cobertura. Quem o possui sabe o que tem.

— E o racionamento a que diz respeito?

— A tudo, desde a alimentação ao vestuário. Os «cupons» referentes ao vestuário não determinam, por exemplo, que cada individuo gaste apenas um par de sapatos por ano... Esses «cupons» correspondem a determinada importância que pode ser empregada naquilo que mais interesse a cada um. O racionamento do leite e dos ovos, por exemplo, é contingente. Assim, como a produção é naturalmente irregular, umas vezes por outras há alteração nas distribuições. Essas alterações são, entretanto, anunciadas pela rádio e pela Imprensa, de modo que o individuo portador da senha com determinadas características, fica sabendo que na próxima semana terá mais ou menos leite ou ovos à sua disposição. É também curioso acrescentar que, em todas as medidas de racionamento, os velhos e as crianças são objecto de

atenções especiais. Os soldados, de resto, são do mesmo modo objecto de cuidados especiais, com a sua alimentação reforçada e os fardamentos da melhor fazenda inglesa. Neste ponto, o soldado inglês não está só: todos aqueles que lá encontrrei, canadianos ou americanos, escoceses ou dos exércitos mantidos pelos governos estabelecidos em Londres, se apresentam magnificamente trajados!

— E as mulheres?

— A mobilização total atingiu-as e elas prestam a melhor contribuição para a vitória em que creem firmemente. Todos os serviços auxiliares do exército, da aviação e da marinha são prestados pelas raparigas e elas prestam a melhor contribuição de material de guerra, entregues a trabalhos delicados ou pesados, segundo a distribuição de serviço. E são elas que partem com os velhos e as crianças para os campos, a cultivar a terra, a dar muito do pão que o soldado há-de comer.

— Essas novas exigências da vida não criam problemas sociais para depois da guerra?

— Talvez nem tanto como se possa imaginar e às vezes dizem os jornais. A verdade é que senti na mulher um desejo de regressar ao lar, uma feminilidade diferente que nos faz pensar numa mulher muito menos feminista de idéias e muito mais companheira prática do homem,

para depois da guerra. Virá, sim, uma mulher moldada em formas diferentes — mas pelo que vi, não creio que nisso ela venha a perder moral e espiritualmente. As realidades, bem sabe, chama-nos para caminhos cuja existência nem sequer adivinhávamos... Perguntei a muitas raparigas se gostariam de ficar, depois da guerra, a prestar serviço no exército ou em certas fábricas, mas a resposta foi sempre a mesma: «Não, prefiro regressar à minha casa e às minhas funções de mulher».

— Falou-se em problemas de moral, por virtude da permanente camaradagem de rapazes e raparigas...

— Asseguro-lhe que, nesse ponto, se há alguma diferença, é para melhor. De resto, a policia de costumes foi reforçada — o que equivale a dizer que diminuíram as possibilidades de «deslises»...

Como nota curiosa, o sr. Diniz Bordalo Pinheiro conta-nos:

— Em todas as fábricas reina o silêncio e o barulho próprios. Numa, porém, de material pesado, encontrei uma secção diferente: trabalhavam ali mulheres às máquinas de costura e todo o santo dia levavam a cantar... Se quiser, conclua daqui que a mulher, no seu ambiente, continua a ser mulher...

E, ainda, como nota curiosa:

— Nessa mesma fábrica, onde as mulheres estão entregues a traba-



Diniz Bordalo Pinheiro

lhos de engenharia delicadíssimos, havia também homens. A superintendente geral era uma rapariga de 35 anos. Perguntei-lhe se a disciplina era difícil de manter, e respondeu-me que os homens eram tão dóceis nas suas mãos como as mulheres...

—Eva, de uniforme, perdeu a «coqueterie»?

—Que idéial Continua a ser Eva cem por cento! Os racionamentos, o novo padrão de vida e as novas responsabilidades inspiraram-lhe outros «modelos utilitários», mas garantiu-lhe que continuam a ser elas mesmas...

—E a fisionomia da cidade?

—Outra, como deve calcular. Bairros destruídos...

—Três quartos da cidade destruída...

—Sabe-se lá! Só agora se estão a fazer cálculos rigorosos. A reconstrução virá só depois da guerra, mas o movimento dos destroços concluiu-se. Bocarras enormes emseltam a cidade, e muitas caves, dessas que quasi todas as casas de Londres possuíam, foram transformadas em tanques: reservatórios de água contra os incêndios. Estes, porque os bombardeamentos diminuíram, são cada vez em menor número, de modo que o saboroso bom humor inglês já anda a pensar em povoá-los de frutas e salmões...

—Nova indústria?

—Isso sim! São para a City pescar a canal—disse-me o velho «chauffeur» que andou a mostrar-me a cidade...

—E o movimento nas ruas?

—Enorme! Nem parece que se está em guerra. Não faltam os «omnibus», os «táxis» e os carros particulares. Entretanto, como deve calcular, a gasolina está racionada e há certas restrições sem abusos...

Diniz Bordalo Pinheiro fala-nos ainda do pitoresco dos grandes jardins e parques londrinos cobertos de relvado e de flores, mas livres das velhas grades, recolhidas para material de guerra.

—Havia de ver. Até parece que a City foi passar umas férias no campo...

—O povo está, pois, contente...

—E principalmente confiado. Não lhe pediram sacrifícios incompatíveis. As montras continuam a ser objecto de sugestões de luxo que não existe praticamente, por causa do racionamento. Acrescentarei, mesmo, que neste ponto o Governo encontrou uma fórmula original: paga bem, os salários são magníficos, mas como o racionamento não deixa gastar quanto se ganha e os empréstimos de guerra estão sempre em aberto, para o Estado reverta, de novo, o «superavit» de cada cidadão... Esta uniformidade de vida, sem contempção de classes, era indispensável, de resto, numa luta com as características da actual.

—E o plano de Beveridge?

—Foi recebido entusiasticamente por todos e, em especial, pelas classes trabalhadoras.

—Londres diverte-se?

—Como não podia deixar de ser. Há cinemas cujas sessões começam às 9 da manhã e terminam só às 23 horas... Os teatros estão sempre cheios, e «bichas», em Londres, só se vêem para a geral dos teatros. Nos estabelecimentos não há «bichas».

—E a saúde pública?

—Posso garantir-lhe que aumentaram os cuidados do Governo. O estado de saúde do povo é magnífico. Não há fome nem miséria.

—E como vêem os londrinos os povos neutros?

—Não lhes levam a mal nem

invejam a sua paz. Mas recebem, com especial gratidão, todas as provas de carinho e simpatia...

Diniz Bordalo Pinheiro, éle próprio quasi londrino pelo coração e pela educação, pára um pouco. Vê as horas, e nós percebemos a intenção. Por isso é já de pé que o ouvimos, entusiasmado:

—Um grande povo, o de Londres! A sua resistência é gloriosa. Todas as nações terão o dever de um dia lhe testemunhar a sua admiração!...

Como uma recém-casada encontrou BELEZA E FELICIDADE



“Há um mez apenas eu era uma rapariga qualquer e sem atractivo”

diz Madame G...

Aos 25 anos, comecei a ter medo de «ficar para tia». Ia a muitos bailes, mas não parecia fazer impressão. Uma amiguinha casada de fresco, mais nova que eu, disse-me então o seu segredo. «É uma pele cheia de frescura, clara e bonita que os rapazes mais admiram» — disse-me. Experimenta esta receita de beleza... Hoje, João diz-me que foi a minha aparência radiosa de juventude que primeiro o atraíu.

Eis o que fiz: Todas as noites applicava o Creme Tokalon Rosa, alimento para a pele. Contém um precioso extrato de células cutâneas, descoberto por um reputado especialista vienense. Durante o sono, este creme alimenta e torna mais bela a pele. De manhã, punha o Creme Branco Tokalon (não gorduroso). Em poucos dias a minha pele tornou-se fresca, clara, macia como veludo, os poros dilatados, pontos negros e manchas desvaneceram-se rapidamente.

Os homens acham-NA cativante-seductora? Se não, faça já hoje qualquer coisa. Dê ao tom da sua pele uma nova vida de beleza, com o Creme Tokalon, Alimento para a pele. Não confunda o Creme Tokalon com os cremes ordinários que não contêm nenhum ingrediente nutritivo da pele.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o depósito Tokalon, 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

O CIÚME DENUNCIADO NA ESCRITA

por CLOTILDE RANDI

PREGUNTAM-NOS qual é o sinal grafológico do ciúme. E quem faz a pergunta é uma senhora.

Pois, minha senhora, não existe sinal patognomónico ou específico do ciúme, como não existe do roubo, da mentira, etc., porque estes desequilíbrios mentais affectivos são a resultante de tendências combinadas. Pode ver-se na escrita se uma pessoa é ciumenta, capaz de uma deslealdade ou de grave mentira, mas estudando primeiramente as diferentes tendências que, associadas, empurram uma pessoa áqueles desvios morais. Quais as causas do ciúme?

O ciúme provém, quasi sempre, duma afeição exarcebada, de egoísmo agressivo ou de orgulho violento. Ainda a paixão, a inveja, a ambição combinadas com uma tendência agressiva, dão origem ao ciúme.

O ciúme é originado por ternura ou por um excesso de sensibilidade, e reconhece-se pela combinação da escrita inclinada à direita em excesso, e da escrita centripeta (finais ou pernas das letras muito abaixo da linha horizontal, tornando a escrita confusa), ou pela combinação da escrita muito inclinada com uma assinatura agressiva (traço anguloso de vinda abaixo do nome) ou ainda também pela combinação dos sinais de protesto (certas letras traçadas para o alto e para a direita, com violência).

A escrita muito desigual, marca da emotividade, junta aos sinais de espirito protestatário, é também causa de ciúme.

O egoísmo, ou o orgulho (escritas regressiva, angulosa, super-elevada e em pedestal, associados ao espirito protestatário ou de insurreição ou de agressividade, engendram ainda o ciúme).

Enfim, muitas outras combinações grafológicas e psicológicas se podiam ainda estabelecer. Além disto, estes sinais têm de ser ainda controlados com vista ao conjunto duma escrita. Um mesmo traço gráfico possui uma interpretação consoante o meio (isto é, a qualidade geral da escrita), em que se observa. Evidentemente que o

mesmo acto praticado por um analfabeto ou um individuo culto apresentam valor diferente. Esse acto podia, no analfabeto, ser ditado pela ignorância, ao passo que no individuo culto teriamos que aceitar outro móbil, a má-fé, por exemplo, — no caso do acto ser mau!

CONSULTÓRIO

29 — SEOTTO — Mande outro espécime da sua escrita para comparar. O que enviou, é um péssimo documento.

30 — MANECAS DO Ó e O TINTAS — Lisboa — A estas duas almas gémeas applica-se o seguinte: Propensão ás obsessões. Exaltação com períodos de eferescência. Hesitação.

31 — RAUL-KRIZA — Portela — Carácter instável e perturbações psico-sensitais.



CINEMA DE AMADOR

8 — 9,5 — 16 m/m

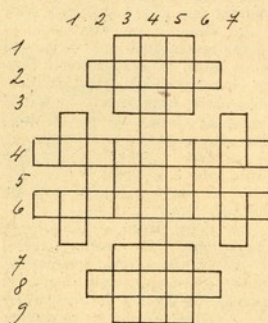
Sempre nos únicos especialistas

PATHÉ-BABY PORTUGAL, L.ª

LISBOA — PORTO
R. S. Nicolau, 22 ♦♦ R. St.ª Catarina, 315

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 62



HORIZONTAIS: 1 — Cloreto de sódio. 2 — Grinalda. 3 — Tritura. 4 —

Princípio imediato dos corpos gordos e de que se fazem velas. 5 — Mesa onde se celebra a missa. 6 — Alisado com pluma. 7 — Senão. 8 — Mancha. 9 — Lista.

VERTICAIS: 1 — Artigo masculino (pl.). Pretexto. 2 — Igual. 3 — Ruído; Pronome pessoal; Malor. 4 — Tornado aromático. 5 — Mentira; Batráquio; Astro. 6 — Rainha. 7 — O mesmo que «inda»; Compaçado.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 61

HORIZONTAIS: 1 — Frascario. 2 — Eia; Ser. 3 — Hão; Ira. 4 — Ai; Voe; Ar. 5 — Ribeirada. 6 — Es; Uoa; Il. 7 — Mal; Vao. 8 — Rio; Ter. 9 — Passaram.

VERTICAIS: 1 — Harém. 2 — Realizara. 3 — Ato; Lis. 4 — Su; Veu; Ox. 5 — Noivo. 6 — As; Ar; Ta. 7 — Rei; Ver. 8 — Irradiara. 9 — Arado.

Vida MUNDIAL
ilustrada

→ NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA ←

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números)..... 13\$00	6 meses (26 números)..... 40\$00
6 " (26 ")..... 25\$00	12 " (52 ")..... 80\$00
12 " (52 ")..... 52\$00	
ÁFRICA PORTUGUESA	ESTRANGEIRO (sem convenção)
12 meses (52 números)..... 68\$00	6 meses (26 números)..... 47\$00
	12 " (52 ")..... 94\$00

Entre nós



O Professor francês Pierre Defontaine realizou recentemente duas notáveis conferências: uma na Universidade do Pôrto e outra na Sociedade de Geografia em Lisboa. É desta última o aspecto gráfico que publicamos.

À direita: o sr. António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional lendo o seu discurso durante a reunião das várias comissões de turismo realizada há pouco em Lisboa por iniciativa desse organismo oficial.



A chegada à Estação do Rossio de alguns dos componentes da orquestra Nacional de Espanha, que vem realizar na capital portuguesa alguns concertos. Ao centro, o maestro Ernesto Halffter.



No Ateneu Comercial do Pôrto, durante a festa da Educação e do Trabalho: Idalina Marques de Quadros, internada do Instituto de Surdo-Mudos, recebe o «Prémio Xavier da Mota» (estudo), que lhe é entregue pelo comandante da 1.ª Região Militar.



A assistência à Hora de Arte para operários levada a efeito na Fábrica Lumiar, comemorando a inauguração das novas instalações desta organização industrial.



O «Dia da vitória» foi comemorado pela colónia espanhola em Lisboa com uma sessão comemorativa que se efectuou com toda a solenidade na Casa de Espanha. Presidiu a essa comemoração o embaixador do país vizinho, sr. D. Nicolau Franco.

DORIT KREYSLER

Uma das mais lindas
vedêtas do cinema
europeu.



O cinema espanhol progride, não resta dúvida. A «Florista da Rainha», que o Ginásio nos deu, depois de «Marianela» e de «Passageiro clandestino», demonstra esse progresso

de forma eloquente. Sob o ponto de vista técnico — e dum modo geral — os filmes acusam já uma «facilidade» de execução que corresponde, na indústria, à fase da adolescência... Dai à maioridade — vai um passo. Um passo que se pode dar, claro está, com segurança ou hesitações, mas que é inevitável.

Não nos é permitido avaliar, por estes filmes, o verdadeiro grau de desenvolvimento, atingido pelo cinema da vizinha Espanha. As três películas citadas, de valores desiguais, não nos podem, apesar de tudo, dar uma média segura do nível da produção espanhola. Ainda há dias, conversando com Garcia Viñolas e com o produtor Ullargui, tivemos ensejo de os ouvir reafirmar essa verdade.

Considerámos, então, o perigo que representa lançar, em determinado mercado, a produção dum País, desde que essa produção possa livremente sair das suas fronteiras. Se a escolha dos primeiros filmes não fôr criteriosa — e isto não se refere, evidentemente, à selecção do Ginásio, que nos deu um filme bom, outro sofrível e o terceiro razoável — se a selecção inicial não fôr criteriosa, dizíamos, correr-se-á o risco de comprometer, para sempre, o prestígio e o bom nome da Cinematografia desse país, no mercado que a mesma pretende conquistar.

Quando Garcia Viñolas esteve à frente do Departamento da Cinematografia proibiu a exportação de determinadas películas, algumas das quais já estão anunciadas para Portugal, porque a «excomunhão», que sobre elas pesou, foi levantada, por motivos que não interessa averiguar.

Creemos que o prestígio duma indústria e os créditos de que a mesma possa gozar além fronteiras se não compadecem com a generosa liberdade de exportação. E porque o princípio nos interessa, como país produtor, talvez não seja ousado reclamar que, no desejado diploma de protecção à indústria nacional, se preveja, a par dos prémios com que se deverá estimular a feitura de películas de boa qualidade, a impossibilidade de fazer sair para o estrangeiro aqueles filmes que não estejam à altura do desenvolvimento atingido pela nossa indústria, ou, que, de qualquer forma, nos desprestigiem aos olhos dos estrangeiros.

* * *

Um dos grandes males das películas espanholas é a interpretação. Aparecem, de quando em vez, revelações, mas elas não bastam para elevar o nível geral do desempenho à altura que o cinema exige. Em regra, os artistas teatrais têm, nos filmes, os papéis de maior responsabilidade. A gente nova escasseia, se bem que a Espanha conte já com uma pleiade apreciável de ingénuas e galãs que não pisaram o palco. A intromissão dos artistas de teatro faz com que os filmes nos pareçam «interpretados ao retardador». Também, entre nós, se verifica o mesmo facto, e os nossos artistas lutam contra o hábito, que o palco neles enraizou, e, uns mais, outros menos, lá vão conseguindo disfarçar a tendência para marcar, sílaba por sílaba, o que lhes cabe dizer.

7 dias de Cinéma por Fernando Fragozo

Estamos, pois, em presença dum mal peninsular, embora não seja exclusivo de países ibéricos. Mas só agora, vendo os filmes espanhóis, sentimos as desvantagens dessa representação «au ralenti», e que o conhecimento da língua, no caso português, não deixa apreciar em toda a extensão.

Ao pé dos artistas americanos — mestres da arte de representar em toda a tela... — verdadeiras metralhadoras «a falar», os artistas

portugueses e espanhóis parecem tibatueantes e indecisos, tal a lentidão com que se exprimem.

No dia em que portugueses e espanhóis tiverem aprendido a «representar» depressa, os filmes, como obras cinematográficas e como espectáculo, terão melhorado de maneira sensível. A acção ganhará em rapidez, e a extensão das cenas reduzir-se-á com evidente vantagem.

* * *

Eusebio Fernandez Ardavin, o

realizador de «A Florista da Rainha», numa entrevista que concedeu recentemente a «Primer Plano», pôs o problema nos seus justos termos, quando lhe perguntaram quais os defeitos e as virtudes dos intérpretes cinematográficos do seu país.

— A sua maior virtude a capacidade de adaptação e de improvisação. O seu principal defeito! Essa virtude exagerada! O excessivo mimetismo, fatal, por exemplo, para os actores que dele não cuidam. Por isso, acho sempre graça quando oiço falar no «excesso de teatralidade» que se imputa a alguns actores. O que é isso de teatralidade? Teatralidade entendo eu que deve ser a adaptação ao papel que se representa, a facilidade de cada um se manter na fronteira da ficção. E o que, por vezes, fazem os nossos actores é o contrário: exagerar por tal forma o seu mimetismo que resulta, desse facto, alhearem-se igualmente da sensação de realidade e da sensação do «fingimento artístico».

(Continua na pág.)

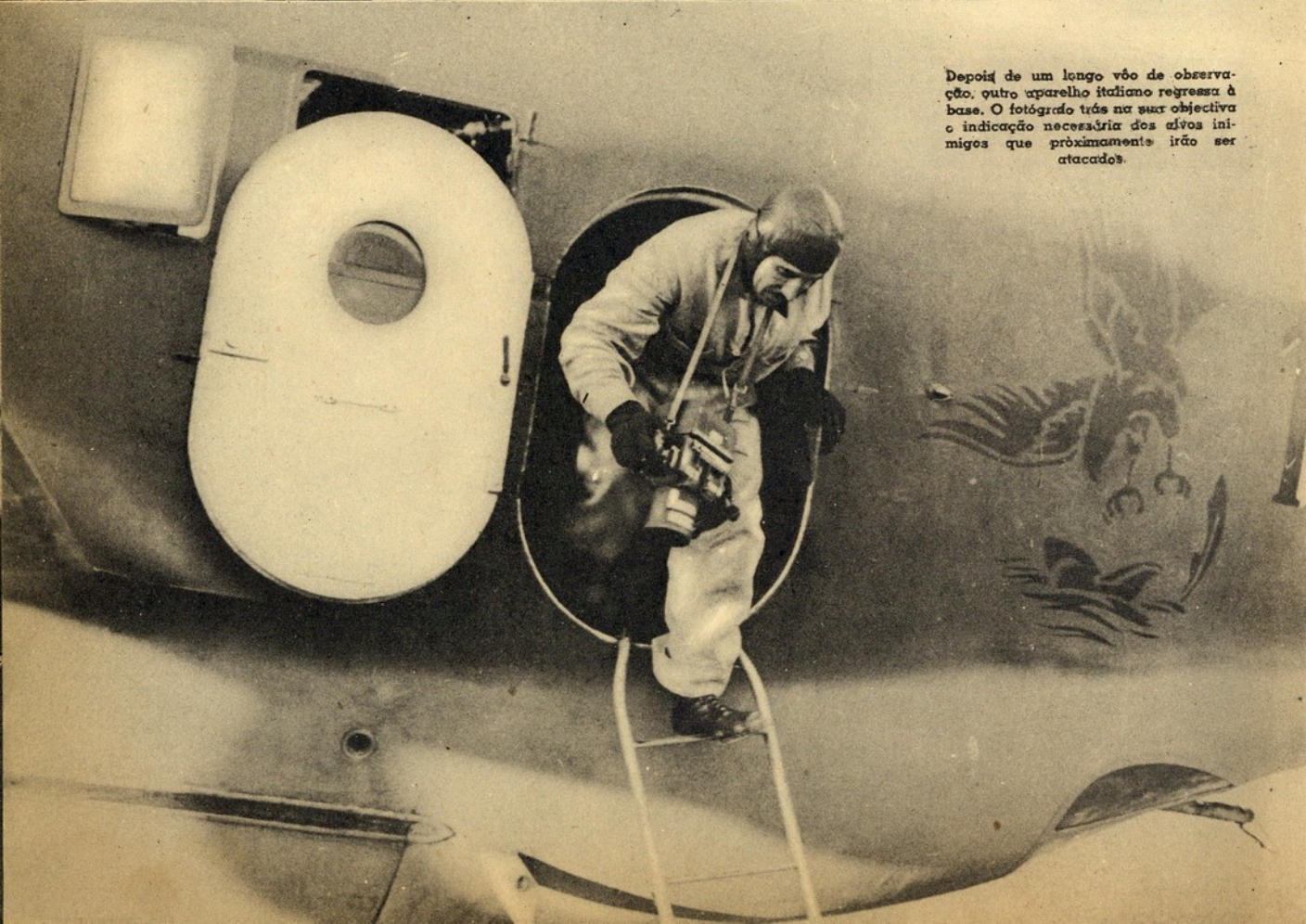


ANA MARISCAL

Interprete de «A Florista da Rainha» — e uma das mais populares vedetas do cinema espanhol.



Numa base aérea italiana: este bombardeiro aprovisiona-se de bombas para o ataque aos comboios inimigos no Mediterrâneo.



Depois de um longo vôo de observação, outro aparelho italiano regressa à base. O fotógrafo trás na sua objectiva a indicação necessária dos alvos inimigos que próximamente irão ser atacados.

HA- 50 ANOS ESTREOU-SE A PEÇA "OS VELHOS" QUE FOI PATEADA...

HA cinquenta anos no velho teatro D. Maria, estreava-se esse poder de lirismo teatral que são «Os velhos». Lá estava — o autor, festejado por tantas boas realizações: coíava a barba nervosamente, no receio de todas as estreias — «como sairá isto? E o público?»...

Era um tempo bom, ainda, êsse: os autores escreviam com os olhos postos na massa dos espectadores e os artistas tinham por eles um respeito quasi a roçar pelo temor. Em paga, o público compreendia o esforço de uns e de outros, fazendo por se elevar ao nível de uma produção brilhante — excepcionalmente brilhante, nessa época! — e de elencos a que não faltavam Rosas e Brazões, Ferreiras da Silva e Joaquims Costas, as Rosas Damasceno e as Lucindas do Carmo.

O teatro era brilho — a sua página de ouro — e era, principalmente, disciplina e devoção...

D. João da Câmara, em plena maturidade do pensamento e técnica, aparecia naquela noite de 11 de Março de 1893, com essa peça que eram «Os Velhos». No fim da última cena, porém, as palmas que não ouviu e as críticas mordazes que teve de ouvir devem ter magoado profundamente a sua alma e a sua dignidade de artista — uma dor e uma mágoa que só 13 anos mais tarde Lisboa lhe saberia curar, precisamente dois anos antes da sua morte.

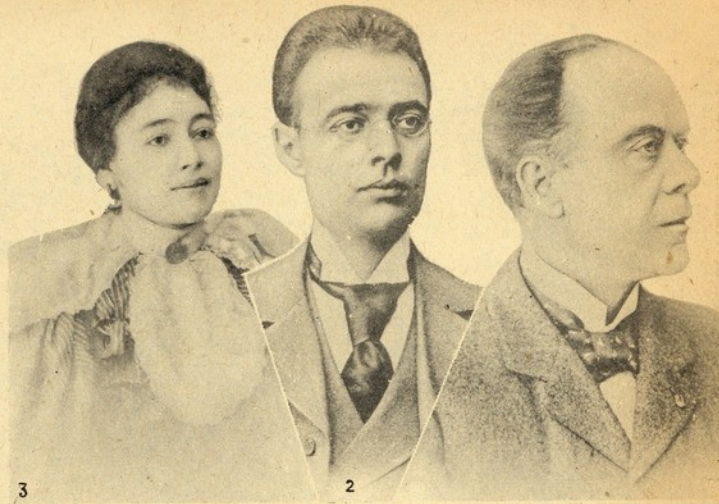
A peça teve mais de uma dúzia de repositões, foi traduzida em francês e representou-se na Bélgica. Mas antes que Lisboa se penitenciasse da sua falta, já o Porto lhe tinha tributado aprêço incompará-

vel que, de algum modo, deve ter feito bem à sua mágoa de grande autor incompreendido.

Malheiro Dias, no «Noticias de Lisboa», falava no dia seguinte à reposição, em 1905, com entusiasmo que nos dá conta do relêvo que mereceu na vida teatral da época essa segunda volta de «Os Velhos». Era a rectificação de um mau parecer lavrado pelo público do galinheiro do D. Maria, a entremear os aplausos dos amigos de D. João da Câmara, na noite de estreia; era a rectificação do parecer despolido da crítica anterior que não atentara nos méritos da obra, para lhe apontar defeitos que não tinha...

Virgínia, na «Emilinha», que fôra primeiramente desempenhada por Rosa Damasceno, contribuiu para o êxito da «reprise»; Brazão, Ferreira da Silva, Joaquim Costa, Inácio, Carlos Santos, Delfina, Carolina Falco e Amélia Viana fôram os restantes «incarnadores» d'esses caracteres tão portugueses no seu lirismo e na doce firmeza do seu carácter.

A peça completou agora 50 anos de vida — uma vida que pareceu que ia extinguir-se ao nascer. Para recordar datas e factos, a secção de Teatro do Conservatório Nacional organizou uma pequena sessão para os seus alunos: uma lição viva que vai repetir-se — e ainda bem — sobre outros temas, como o centenário de Augusto Rosa. Juntamente com a sessão, inaugurou-se uma pequena exposição de documentos ligados ao facto. As fotografias que publicamos são dessa exposição e fôrâmos amavelmente cedidas pelo prof. Dr. Jorge de Faria, ilustre director da secção que promoveu a pequena festa. Elas constituem a primeira grande «parada» dos intérpretes da estreia de «Os Velhos».



1, Eduardo Brazão (Patacas) — 2, Ferreira da Silva (Júlio) — 3, Emília Lopes (Ana) — 4, Augusto Antunes (Porfírio) — 5, Joaquim Costa (Bento) — 6, Virgínia (Emília) — 7, Rosa Damasceno (Emilinha) — 8, João Rosa (Prior).





Há em Lisboa

uma escola onde se
ensina francês a

12
nacionalidades



EM S. Roque, cantantes e festivas, bateram as nove horas da manhã. Estava um dia de sol, luminoso, que punha sobre o Tejo manso e doce, um lençol de prata. A École Française de Lisboa fica no Pátio do Tejolo, à Patriarcal, num recanto ermo, meio perdida do rumor do mundo.

Logo à entrada há um terraço. Dali vê-se o rio correr, infinitamente azul, numa névoa de sonho. E apetece ficar quêdo, olhos de navegante, presos naquele enleio forte que só o mar com a sua poesia pode dar. Grupos de crianças, no recreio, brincavam. Os bibes azues, os cabelos soltos à leve brisa, as risadas dos inocentes anos eram apoteoses a uma Primavera de estranho encantamento. Todo o homem se enternece vendo crianças a brincar. Há uma soma de reminiscências que, prontas, afloram ao pensamento. É a saúde dos tempos idos — toda uma vida que o turbilhão da existência, por mais que queira, jamais conseguirá apagar. Na vida dos outros — revivemos a nossa. O que fomos — as alegrias que sentimos e as mágoas que sofremos. E aquelas crianças, unidas pela alegria, correndo, saltando, batendo palmas, todas elas trazendo no rosto um sol dourado de Primavera, no galhar ingénuo das vozitas, entoavam a

mais bela canção que os ouvidos podem ouvir e reter: a canção da saúde dos tempos da meninice...

Seriam, talvez tanta — mas oitenta não fariam tanto barulho. Tudo gente de três palmos — e a professora, no meio, era a pomba da concórdia. Não que fossem zaragatoiros, insubordinados. Nada disso. Todos bem amigos. Ali, num recanto, fazendo castelos, lá estava um irrequieto espanhol, muito palrador, falando pelos cotovelos, com uma melancólica e gentil chinesa, de olhos lânguidos, pequena «queicha» de delicadeza oriental. Ele, com o sangue andaluz a queimar-lhe a pele morena, era um D. Juan de bibe e calção, muito senhor do seu nariz, pretencioso de ter raptado a sua companheira a um ciumento eslavo, louro como uma espiga, que descuidado, brincava no meio duns polacos. Mais além, quasi de braço dado, um turco, um alemão e uma belga, na melhor harmonia, jogavam as pedrinhas. Uma japonesa, ainda sem par, triste, procurava, por entre os amigos e companheiros, um lindo americano, que, no recreio passado, lhe dera um bombon. Um gracioso inglês, ruivo, com toda a calma, espera por um lindo siamês que ouve, enlevado, o doce papaguear dum suíço.

E todos eles, enfim, bons amigos, fazem roda. Dão as mãos. Como borboletas, adejam em volta da gentil professora, contentes, felizes, brincando com os bonecos de pa-



pelão. Porém, a brincadeira termina. Vem a hora do estudo. E voltam para as aulas — uma salinha cheia de sol, que parece uma casa de brinquedos. Espalham-se pelas carteiras. É interessante ver o aspecto. Há cabelos ruivos, louros, pretos, castanhos: garotos de todos os continentes. Desde a Áustria à América do Norte: romenos, turcos, polacos,

espanhóis, chineses, ingleses, suíços, e até... franceses.

A École Française de Lisboa tem, nesta classe infantil, a semelhança dos nossos jardins de infância, uma preocupação: dar a educação pré-primária. Não se esforça a criança. Tudo é intuitivo. Os jogos, os próprios trabalhos manuais, as lições ligeiras que a criança vai



aprendendo com um sorriso nos lábios. A professora, «Madame» Saint Gal Varela, senhora distintíssima que fez os seus cursos na Bélgica e na Inglaterra, especializada em pedagogia infantil, é duma dedicação extrema pelos alunos. A todas as perguntas vai respondendo.

Agora é uma que quer saber o nome daquela boneca, outro que deseja um lápis para traçar garatujas. A idade, para a admissão, é dos três aos cinco anos. Começam logo com o ensino da língua francesa, e isto, que traz grandes vantagens, em nada prejudica a língua materna, pois que as noções aprendidas vêm facilitar, depois, o ingresso no ensino primário. A Escola Francesa de Lisboa foi fundada pela colónia francesa da capital, em 1907, e é patrocinada pelo Governo da França. É seu director um francês distinto e culto, que muito tem feito pela aproximação luso-francesa: M. Pourverelle. É administrada por um conselho de direcção, sob a presidência do sr. ministro da França em Portugal.

O ensino que se ministra nesta escola, oficialmente, é como o dos

liceus de França, absolutamente integrado nos programas que são aprovados naquele país. O corpo docente, composto de trinta e quatro professores, especializados, é competentíssimo — e isso pode ver-se pelos brilhantes resultados obtidos todos os anos. O Dr. Costa Sacadura é o médico que tem a cargo velar pela saúde dos alunos e assegurar, também, a higiene da escola. É ele que inspeciona, que verifica, por meio de fichas, o estado sanitário da população escolar.

Da secção portuguesa é director o dr. Ercilio Cardoso, distinto professor do liceu, que à escola tem dado o melhor do seu esforço e talento pedagógico. Na escola há um jornal interessantíssimo, escrito em português e francês: «O Meu Mundo». Nele os alunos colaboram com trabalhos literários.

A educação física, os desportos, o canto, as excursões de estudo, biblioteca, serões culturais, tudo, enfim, que possa trazer proveito à população escolar, lhe é facultado. O «surveillant général», L. Taranger,

com quem conversámos, declarou-nos que todos os anos deixam alunos por matricula, devido às exiguas instalações. A École Française de Lisboa, que já adquiriu terreno para as novas instalações, no Parque Eduardo VII, valoriza de modo particular o bom nome da sua França eterna: pela maneira como educa e serve a pedagogia; pela contribuição para a concórdia dos homens que, na pessoazinha das crianças que ensina, estão representadas tantas nações desavindas...

MANUEL MARTINHO.



Do caderno de um repórter

É um rápido choque de recordações, quanto se refere àquele verão de 1910. Tumultuavam, vibravam, até ranger e estalar o celuloide ainda não usado da minha memória. A esquina, cantavam espanholas delambidas o «Sarásal», mais acima o orgulho esfallava o cilindro da «Alma de Diós», e, quasi a dobrar para os Inglesinhos, a torre de lata da barca do amendoim enegrecia o azul do céu com as suas volutas caprichosas.

Diante de minha casa, a drogaria do Oliveira alto ostentava, no estreito escaparate, uma laboriosa pirâmide de caixinhas de pomada «Amor». Umas amarelas, outras pretas, no decorrer de Agosto a Setembro as mãos peludas de uma brigada policial e seu chefe, derrubou-as rapidamente na ânsia de encontrarem pistóloes miguelinos fedendo a demagogia. E também a fugirem.

Ainda não me reconciliara com o meu conterrâneo Alexandre Herculanio, bairrista de São Bento, cujo primeiro centenário natalício decorrerá entre Março e Abril, e já me zangara com minha mestra nas condições descritas. Dois conflitos graves!

Pelo sim, pelo não, fui uma tarde à secretaria da Academia de Estudos Livres. Pois a minha rua da Paz estava linda: um cartaz avisava os interessados de que permaneceria o recinto da Escola encerrado por Outubro adiante. Motivo, as obras. Pintaram a fachada de cor rosa ligeiro, e lá por dentro ouvia-se o ruído obeso das sententárias vassouras de piassaba.

Entretanto, eu continuava expulso; a D. Teresa mantinha o seu veto expurgatório mas, como os meus nove anos não conheciam a tristeza...

AS FARTURAS DE AGOSTO

O tempo, nessa altura da vida, dura mais. As férias — uma eternidade. E esse Outono caiu num Outubro excepcionalmente tépido, muito repousante depois da canícula. Quinze dias mais eram quinze milênios de férias abichadas sob o pretexto de obras e limpezas.

Mas a atmosfera psico-prémonitória, como hoje se escreveria ou diria, indicava, conforme a frase da época, «haver coisa no ar». Bastantes anos decorridos, parece averiguada uma certa influência do «Vintém Preventivos» na urdidura da revolução monarquica e um evidente propósito radicaloide na excursão organizada, a esse tempo, pelo Almada Negreiros (pai), com a colaboração dos organismos populares, a Paris.

Era a passeata em fins de Setembro. Incluía várias modalidades e abrangia seus vinte dias. Nos jornais da época vem a descrição meticolosa daquela teia de aranha. Mas a Imprensa anti-republicana, teve o olfato da desmoralização do numeroso caixeiro, e arremeteu contra o Almada (pai) furiosamente.

Contentei-me — e graças! — com pastear a minha melancolia pelos pinhais da Caparica. Era um pouco adiante de Almada, mas ainda dessa vez não consegui ir a Paris. Fui, porém, à feira de Agosto, a qual mantinha o seu ar acigãnado e se prolongava, excepcionalmente, também Outubro fora.

Quanto me horripilava a cerveja, líquido ainda então repulso aos paladares lisboetas, afeitos ao «abafado» moscatel, quanto me atraía a barraca das «farturas».

— Em Paris não há disto! — pensava eu e toda a miudagem adjacente — Nem pode haver!

E ficávamos, horas seguidas, à espera de vez, enquanto o Júlio das Farturas fazia esguichar os opulentos e grossos rólos de massa branca, logo fritos em caldeiros repletos de azeite a ferver, passados pelo açúcar «em ponto», e fartamente polvilhados de canela. Tudo por um vintém, quando muito um pataco.

OS «GABÕES DE AVEIRO»

Quando se faça a história dos hábitos culinários da Lisboa do cinco de Outubro, não-de ver a grande influência que a «feira» de Agosto e a sua instalação no alto da Avenida teve no desenrolar dos acontecimentos. Sem aquele depósito de viveres, aquela imensa acumulação de «secos e molhados», para escrevermos à brasileira, prontinhos a ser deglutidos — o acampamento da Rotunda era injustificável.

A estiagem intensa desse ano, também aconselhava acção rápida, e tal se fez conforme consta da história escrita. Eu só tive dois indícios: limpeza dos gabões de Aveiro, com que o Clemente das tesouras inundava Lisboa, e uma benignidade pouco habitual no meu pai. Ele era severo, como todos os respeitáveis chefes de família.

De certo, eu sentia-lhe um não sei quê de mais terno, quando roçava o carão barbudo pelos nossos inocentes rostos — e falo no plural porque eramos, e ainda somos, três. Outro indício, constituíam-no os gabões: nesses tempos remotos, poderia chamar-se a Lisboa a cidade dos pinguinhos. Mal se avizinhava o inverno, escovavam-se escrupulosamente, e pela milionésima vez, os gabões, cuja peça essencial, o enorme bico da capucha, convertia a capital no império dos fantasmas. Todos aqueles bicos aos encontrões, curvando-se, herméticamente cerrados por um processo de corte e costi-

menta cujas origens se deve perder na noite dos tempos, faziam dos «alfacinhas» autênticos pássaros polares.

Se a raspagem das sebáceas manchas do último inverno começava antes de tempo, aí da fidelidade conjugal, ou da pontualidade do gabão e seu bico se tinha dúvidas ou, ainda, da sua integridade física se continha impulsos rugidores de leão do Atlas.

O vitriolo, derimente de todas as passionalidades esbrazeadas dos e das lisboetas, era nessa época a arma corrosiva aceite e proclamada nos usos e costumes. É claro que, a ser do autêntico, não existia gabão de Aveiro que resistisse. Mas já nessa altura a percentagem de água lhe atenuara os efeitos. Até que, com a guerra grande, a primeira série, desapareceu de todo o costume.

Em pleno teatro de Ibsen, como que em montagem dos «Espectros», decorreram aquelas agradabilíssimas semanas. Os embiocados conspiradores, abafavam nos capuchos. E todos eles a quererem esconder o rosto nos bicos, e estes, derretidos pelos calores da prolongada estiagem, do-brando-se e caindo de lado, à maneira de barrete saloio.

SOB O SIGNO DE NEPTUNO

Hoje em dia, mais fácil é traçar o quadro solene e pitoresco da época, que então. Quantos digam, em frases feitas: «sentia-se pulsar a cólera do povo», ou «a fé numa direcção responsável pelos próximos sucessos, decidi da vitória», etc., etc., escapa-se à tangível realidade enunciável nestas poucas palavras: — Ninguém sabia nada!

A simpatia que irradiava entre o povo e a marinagem, jamais teria alcançado forma orgânica se não houvesse o magnífico quadro de oficiais republicanos de todos conhecidos.

Rapazes novos, inteligentes e cultos, vivamente afectados pela ausência de prestígio nacional em quantos portos tocavam, a única modalidade de reacção compreensível para eles tinha de ser o que foi: — a mudança do regime.

Certo é ter-se elaborado todo o complexo de 5 de Outubro sob o signo de Neptuno. Garotos e velhos, oradores e ouvintes, jornalistas e leitores, todos sentiam que tudo dependia da marinha. Só ela possuía o dinamismo preciso a uma acção expurgatória. E assim foi. A restante força armada precipitou-se logo a seguir, mas a sua vontade, embora latente, nada tinha de afirmativo.

Disparado o primeiro canhão, emudeceram os outros, excepção feita de Paiva Couceiro.

— Ele, com a sua artilharia ligeira, foi a única vontade organizada e firme que defendeu o tro-

no! — disse e demonstrou o almirante Cabeçadas numa entrevista ao «Diário de Lisboa», confirmada em várias conversações que conosco teve há pouco.

Neptuno, o mitológico senhor dos mares, decidiu, sempre, dos destinos nacionais. Também no cinco de Outubro seria assim.

SUBLEVAÇÃO DOMESTICA

A escola estava em obras, pois. E aquilo prolongava-se, alegrementemente, suspeitosamente, para mim, Outubro fora.

— Ser ou não ser?

O dilema do Hamlet apresentava-se-me na nudez forte de uma ou duas dúzias de carícias da menina de «cinco-olhos» — aplicadas pela palmatória da D. Teresa, a tal das sardas saudáveis. O ódio e o amor vivem na mesma trapeira — mas eu, ignorante do conceito filosófico, não sabia explicar a mim próprio a atractiva repulsa que me inspirava a minha perseguidora.

— Porquê? — perguntava. Tudo foi liquidado pela barreira do cinco de Outubro, um cinco que começou a três, como água lustral.

Usára, em primeira mão, o centenário de Alexandre Herculanio; viara, em Setembro, o centenário da batalha do Buçaco. Mas aquele e mais o maldado artiguinho, é que eram elas. Sentia-me pegado, com o sebento gabão de Aveiro a ferver em água de sabão. E ausente de sabedoria!

Acordou-me, manhã cedo, o meu irmão mais velho. Disse, ponderado: — Olha, Luiz, lá estão os marinheiros a fazer a república...

— Isso é algum coreto? — e não tive tempo de terminar. Algo de estrofonosamente sibilante sulcava o espaço. Senti os naturais efeitos de tal emoção e comecei a observar as consequências.

Muitos anos depois, durante um passeio pela Andaluzia, Chaby Pí-nheiro contava-me:

— Eu estava em Bruxelas. Aquêles belgas malvados tiveram o des-safôro de publicar nos jornais coisas mirabolantes. Você compreende, que ir para descansar umas férias-nhas e reparar da gazeta, à noite, e ler: — Lisboa arde; a esquadra e o exercito bombardeiam-se; metade da população está morta ou ferida, a outra bate-se; há milhares de casas destruídas...

Olhei, embasbacado, o nosso grande cómico. Ele ia no terceiro ou quarto prato de arroz à valenciana e rematou, ao engulir vertiginosamente tudo aquilo:

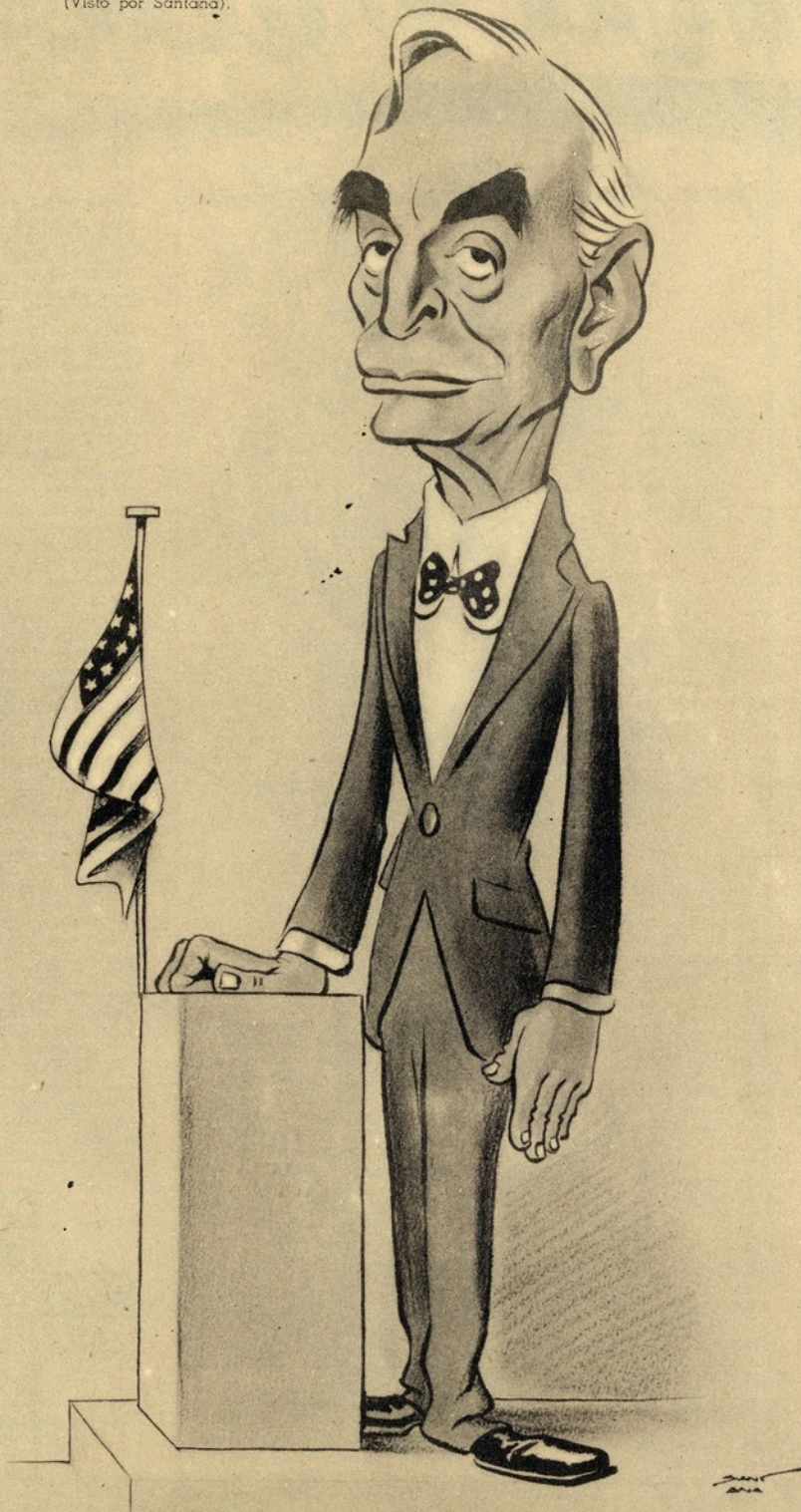
— Eu, ainda morava na rua da Madalena e mal feito estava do incêndio do Leandro. Calcule o que não sofre! Se não fosse este arroz, não valia a pena viver!

CONSIGLIERI SA PEREIRA

C O R D E L L H U L L

Sub-Secretário de Estado dos
Negócios Estrangeiros da América
do Norte.

(Visto por Santana).



Uma vida

por Manuel Homem Ferreira

C OITADO. Logo em pequeno esmagado, de encontro ao rebordo do bêrço, pela mão áspera da desgraça. Da dada injusta da Providência ficava-lhe como ferrete diabólico aquela perna a arrastar.

— Oh! manco, anda cá!
— Oh! manco, olha isto...

A alcunha magoava-lhe a alma como ferro em brasa. Que culpa tinha daquele defeito?

Como os homens eram maus! Sempre a reavivarem-lhe aquela cruel cicatriz do destino. Sabia que era manco. Escusavam de lho atirar à cara, a todo o momento, como uma chicotada retalhante.

E a família?

Pobre dé! Nunca tivera disso, ou pelo menos nem dera por ela.

O pai, bêbado impenitente, vira-o, mais duma vez, num cambaleio idiota, estoirar, com uma bofetada estridente, a cara da mãe.

Que a mãe não era melhor! Que dava, todo o santo dia, amodorrada na soleira da porta. Nem um caldo que lhes matasse a lazeira, no regresso. Passava o tempo num bocejo interminável, e só distendia a língua para cortar em seara alheia. Bem berrava o pai:

— Que deixasse a vida dos outros. Que lhe partia o focinho! Raio de vida. Nem uma códea para roer.

A vida de jornalheiros nem dava para o sustento. Andar um dia inteiro a mourejar, zurzido pela chuva, ou torrado pelo sol a pino, para contemplar na mão uma miséria. Cinco escudos!

E que haviam de fazer do trambolho do filho? Maldita perna! O pai, um dia, desarvorou indiferente ao abandono daquele lodaçal.

A mãe entrou de tomar gosto pela cachaça. Era, ao alvorecer, antes da apanha glacial da erva, para aquecer o corpo que tiritava, enregelado, de encontro ao balcão da espelunca.

No verão, era vinho.

Que o calor asfixiava uma pessoa! O sol queimava. A ceifa, dobrado o corpo no jeito peculiar, rilhava os rins e punha nos olhos uma vertigem demoníaca.

E toca de refrescar a goela para estimular a resistência orgânica. A

noitinha, quando o sol morria num incêndio de luz, a velha aparecia-lhe quasi sempre, mostrando, em torcidos doidos, a ignominia do vício. Bêbada! Que ralação de existencial!

Era isto família?

Pobre manco! Como ele se lamentava. Cêdo empurrado para a vida, num desamparo completo. Vivendo entre a caridade duns, a indiferença doutros e o desprezo de terceiros. De vez em quando, uma palavra mais humana. Mas sempre a punhalada dolorosa da alcunha. Doía-lhe mais que uma pedrada!

— Que ele também tinha nome. João, lhe impusera o prior da terra, quando pelos braços de uma vizinha se acercara da pia baptismal. Porque o não chamavam pelo nome?

Se avaliassem o seu desgosto! Se sopesassem, um instante apenas, a mortalha negra que lhe envolvia a

alma quando lhe atravavam aquela alcunha!

E a chacota?

Como era horrível não poder livrar-se, isolar-se da maldade humana. Atravessava uma rua e logo os garotos lhe arremessavam injúrias e gracejos. Tratantes! E era disto que se faziam os homens. Se ele o pudesse, como se riria...

Mandavam-no aos recados. Quando regressava, arfando do esforço tremendo de arrastar aquela perna, despediam-no com um caldo, ou um naco de pão.

Dinheiro? Nem nada.

Exploravam-no. Resvalou de miséria em miséria. Passeava dias sem comer. E aos poucos, aquela sensibilidade embotou-se.

Trabalhava de sol a sol, sem compensação suficiente. Nem um queixume daquela boca!

A sua personalidade amolgada pelo martelo brônzeo da vida, quedara em paralisia geral. Nem já pena de si mesmo. Um riso permanente rasgou-lhe a boca dura. A expressão amarga fugiu, expulsa pela indiferença.

Só de quando a quando a alcunha lhe dava um assômo ligeiro de revoita.

Era ainda o seu fraco.

— Manco, para aqui!

— Manco, para ali!



Ainda lhe doía como uma pontada longinqua, atroz.

Um dia, logo de manhã, recebeu duma voz forte, a ordem:

— Manco, vai à rua tal, buscar esta encomenda.

Humilde, obediente, baixou a cabeça e seguiu. Dobrou a esquina. Olhou a montra com a indiferença fria dum milionário e pôs-se a atravessar a rua.

Doutra rua surgiu, de repente, em louca velocidade um automóvel. O pobre manco tentou ainda mexer mais rapidamente o péso enorme daquela perna. Debalde. Os freios do carro gritaram a paragem brusca, mas não tão depressa que o pobre aleijado não fosse jogado ferozmente de encontro ao empedrado da estrada, logo tatuado de sangue.

Levaram-no para o hospital. O médico de serviço vincara na ruga da testa a sentença de morte. Uma enfermeira assistira-o no último momento. Dava-lhe esperança. Era a hipocrisia do bem. Dissera-lhe com uma doçura feminina:

— Vá, João! Coragem: Dentro em breve estará fino e são.

O corpo cozido de dores e remendado de pensos revolveu-se no leito.

Ouvira bem? Ela dissera João? Então, no mundo nem tudo era fel? Ou não pertenceriam as mulheres ao mundo terrestre?

Poisou os olhos, já baços, naquele ser que se debruçava sobre ele.

Fixou bem. Marejados de lágrimas, entornavam piedade.

Cerrou as pálpebras e pensou:

— Afinal, era só compaixão! Sempre o mesmo dó que lhe empastara a vida inteira e de que já estava farto. Mas a que poderia aspirar o pobre manco? Que esperava mais da selva escura da humanidade?

Como se enganara!

A morte pareceu-lhe bela. Sentiu-a, no estertor da garganta, a subir e, cerrando os olhos definitivamente, deu-se-lhe num derradeiro estremecimento.

**AQUI
JAZEM**
TODOS OS DENTES

*que não têm sido lavados
com*

PASTA MEDICAL Couto

**PASTAS
HOMILIAS
MEDICINAIS**
*capazes de
desbravar os
microbios da
boca, são uma
EVITAÇÃO
estomacais
mercúrios
ou bismulicos
E PASTA
de gengivas
carnadas*
Couto, Lda - Porto
L. S. DENTISTAS - 106

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

É um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA DE...
MÁRIO DE ALMEIDA

VAI comemorar-se este ano a data da inauguração do teatro de São Carlos, 150 anos! Na verdade, em 30 de Junho próximo, prefezem-se século e meio sobre a inauguração de São Carlos, com a ópera cômica de Cimarosa, «La ballerina amante». Não tardou que este teatro se convertesse numa instituição nacional. Por ali passou tudo: a política, a literatura, a elegância — e até a ópera. Ali se amou, ali se pateou, ali se dormiu. Sucederam-se os conflitos tremendos, as patedas infernais, todo um tumultuar ardente evoluindo, fluctuando, numa poeira ruidosa. Entre certas noites barulhentas de São Carlos e certas manhãs estúrdias do «Colete Encarnado» surpreendiam-se, por vezes, afinidades. Eram talvez os mesmos homens, com os mesmos gracejos, os mesmos impetos e os mesmos processos: só a «toilette» era outra. É exacto que São Carlos conheceu noites gloriosas, mas dentro do seu requinte doirado, brigando com ele e ao mesmo tempo completando-o, viu expansões deploráveis. São Carlos de espaço a espaço dava a impressão duma praça, a branco e oiro, onde Lisboa, afectando a intriga espirituosa de madame Du Deffand, se reínia em estilo de «soirée» — para afirmar estrepitosamente as suas idéias sobre arte. O palco e a sala que, de quando em quando, pareciam detestar-se — completavam-se. Os homens piscavam o olho às cantoras. Os tenores cantavam para as mulheres que se debruçavam nos camarotes. A mesma batuta dirigia todos os gestos. O mesmo pó de arroz alastrava, polvilhando tudo. Era divino — e, no fundo, disfrutável! Mas viveu. Ainda hoje vive. Dentro da sua camisa branca, engomada de novo, com botões de oiro, palpita ainda, não apenas um perfume: também um coração!

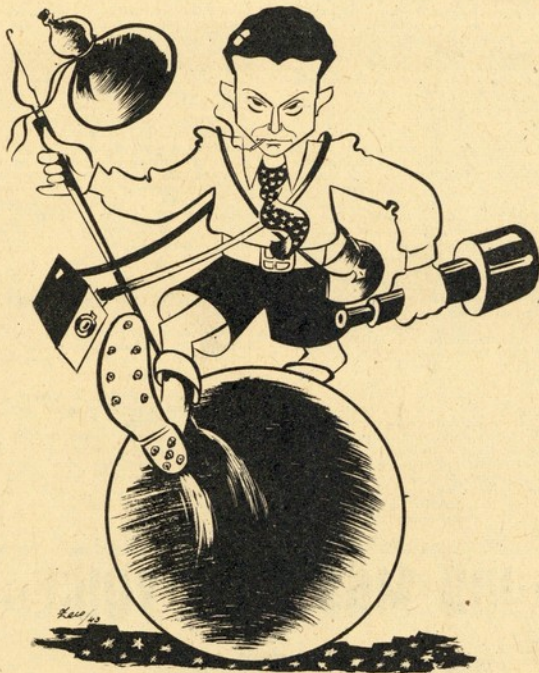
FÓGO!

SILVA Bastos, poeta, festejou, há dias, mais um faiscante aniversário. Reünio algumas pessoas amigas. Na altura da ceia, foi servido um bolo envolto numa chama de alcool — e que tinha o ar duma autêntica «feérie». Ao pânico sucedeu o êxito... Entretanto, ouviu-se alguém exclamar:
— Este bolo devia servir-se com um extintor de incêndios!

CALCANHARES

Dr. Virgílio Godinho, ao receber o prémio Ricardo Malheiros, alvitrou que a Academia das Ciências se convertesse numa espécie de mesa censória da literatura. O caso levantou viva celeuma. A idéia é, na verdade, muito discutível, e não falta quem diga que o premiado autor do *Calcanhar do Mundo* tem nas suas afirmações um autêntico calcanhar de Aquiles...

O ROMANCISTA FERREIRA DE CASTRO



Na Feira dos Livros, entra Ferreira de Castro, vestido de Diabo, salvo seja, trazendo uma tenda cheia de livros; e diz:

Eu bem me posso gabar,
E cada vez que quiser,
Que na feira onde eu entrar
Vendo os livros que escrever,
E acho quem os comprar!
Serão bons? Isso qu'importar!
Sei que vendo muito bem,
E como o velho da Horta
Não pago sisa a ninguém.
Quero-me fazer à véla
Nesta grande feira-nova
Verei os que vêm a ela
E mais verei quem m'estorva
De ser o príncipe dela...
Nem o Aquilino Ribeiro,
Nem o Augusto da Costa,
Nem o Simões todo inteiro
Que de Balzac dá ares,
Nem o Paço de Arcos de Algós,
Me chegam aos calcanhares
Mesmo no bico dos pés!
À feira, à feira de lonca,
Sem receio, nem cuidado,
À feira, à feira, senhores!
Vendo a «Selva», a «Volta ao mundo»
Tudo bem encadernado
Na pele dos editores!

TEATRO DE MESTRE GIL

A iniciativa de Augusto de Santa Rita, criando o *Teatro de Mestre Gil*, com a sua companhia de fantoches, despertou um vivo interesse, não apenas na crítica, mas no público. Já por aí se afirma que aquilo é o maior milagre de Santa Rita!

BARBAS ONDULADAS

UMA novidade sensacional: o nosso bom amigo e poeta João Maria Ferreira acaba de fazer às suas barbas — a ondulação permanente...

UMA PEÇA

DUAS escritoras — Anita Patrício e Fernanda O'donel — concluíram uma peça intitulada *Peccado original*. É um caso de maç... e péras!

OS CASTROS

Nome, ou melhor, o apelido Castro teve sempre em Portugal largos destinos. Para não irmos mais longe, vejamos o que se passa neste momento. Na poesia temos Eugénio de Castro; no romance Ferreira de Castro; no jornalismo Augusto de Castro; na advocacia Mário de Castro — e, como se isto ainda fôsse pouco, vamos ter agora, no cinema, a «Inês de Castro»...

SAPATOS

AS vicissitudes da guerra já chegaram aos próprios sapatos das senhoras, obrigando a curvar a moda. Para poupar cabedal, os novos modelos não têm nem biqueira, nem calcanhar, e a sola deixou de ser grossa... Maldita seja a guerra. Até os coiros se ressentem!

GALOS

TALVEZ não saibam que o empresário José Loureiro tem a superstição dos galos. No seu escritório um galo de loiça preside a todas as suas determinações. A própria linguagem teatral de José Loureiro reflecte o galo.
Se uma peça cai, Loureiro murmura:
— Estou com galinha!
Se a peça triunfa, exclama:
— Vai ser «canja»!

CASTELOS

O Governo, pela pasta das Obras Públicas, concedeu agora uma larga verba para conservação e restauração dos castelos.
— Só é pena uma coisa — dizia-me ontem um amigo meu. — É que ele não tenha contemplado o Castelo de Morais...
Esse meu amigo era, claro, o próprio Castelo de Morais!

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

panorama internacional

O ângulo aguçado

ALTÀ noite, sobre a cidade, quando os últimos «bars» mal justificam o gasto das luzes na teimosia beberona dos fregueses mais retardatários, reaboa um fragor terrível, como desahamento de montanhas! A noite é de um luar cristalino. As janelas, das ruas, o habitante estremunhado ou surpreso, acode a olhar. O fragor é agora enorme. Mas através da cortina de gaze do alambor da luz branca que alaga o céu de horizonte a horizonte, nada se distingue.

Depois, aquela trovoadá terrível abranda, rola surda e desaparece, como um tópel de milhões de ciclôpes em debandada. Ficou só uma voz:

— Para a Tunísia. Devem ser esquadras formidáveis!

Um pequeno pormenor que no último dia do inverno de 1943 assinala o rumo da guerra.

OS LAUREIS DE MONTGOMERY

Depois d reacção com que, a 24, o marechal Rommel intentou estancar o assalto de Montgomery, no «nada» de Ziguin contra a Linha de Mareth, reapoderando-se de grande parte do terreno que perdera e restabelecendo a principal linha de defesa, o marechal dos «S. S.» nada mais conseguirá a despeito de atirar para a fôrma-lha todos os meios disponíveis. A infantaria temível do 8.º exército agarrara-se ao pedregoso terreno de «nada» e não permitiria que se anulasse a brecha sangrada por ela no curto espaço de 5 quilômetros das fortificações inimigas, junto do mar.

A batalha abriu-se propriamente neste episódio e logo entrou no auge. De facto, se esse contra-ataque, repercutido por outros em quasi toda a frente do centro e norte da Tunísia se interpusera no entusiasmo dos optimismos iniciais da opinião pública, e os arrefecera, não era menos certo que Montgomery não cedera palmo no desenho geral da sua ofensiva. Nem se desprendera da brecha do «nada», nem descolara do centro de abordagem entre as aldeias de Mareth e Toujane, nem desatara o movimento de perigosíssimo contórno que lançara como ponta de laço de gadocho pela retaguarda da Linha sobre a aldeola de El Hama. O sistema defensivo alemão estava seriamente ferido. No dia 26, a violência redobra. O choque dos dois exércitos tem um ponto de cada vez mais culminante em El Hama onde carros, artilharia e infantaria britânica, dirigidos pela bravura do general Freyberg, o defensor de Creta, se apodera da posição que domina o chamado «gargalo de Gabès».

Foi nesse dia que o *Pariser Zeitung*, em exemplar que temos diante dos olhos, escrevia em parangona a glorificar a derrota de Montgomery e o poder das fortificações da Linha de Mareth, com gráficos e tudo. Pouco durou este esfoguear. Quatro dias depois, o mesmo jornal, cujo exemplar também guardámos, cobria a retirada de Rommel com uma explicação incocebível: — a de que afinal de contas a famosa Linha nunca tinha existido como baluarte digno de consideração militar.

De facto a 28, a Rádio de Vichy confessava que, apertado por uma tenaz de três braços, os alemães e italianos haviam recuado das suas linhas de defesa. E nesse dia a tromba de fogo dos ataques da aviação britânica, lançados de quarto em quarto de hora, sentenciava a derrota do marechal alemão para quem Montgomery tem sido em verdade a sombra do diabo. Cingido pelo Sul (no «nada» de Ziguin) e pelo Norte (na Toujane) pelo sudoeste (nas alturas arborizadas de Matmata) e um movimento dos meharistas franceses do coronel Delay desde Sabria para Kebili) e pelo norte em El Hama, o marechal não se agüenta, e semelhanamente ao que lhe sucedeu em El Alamein, o vasto flanqueamento com

que o seu adversário com golpe de mestre o golpeia, expelle-o da Linha de Mareth «saindo dela como de um saco apertado pelo fundo» e com perdas que bem se imaginam quais fossem. A batalha durará três dias e três noites. O próprio golpe de El Hama não colhêra Rommel desprevidido. Rommel foi simples e unicamente vencido à força. É esse o novo laurel de Alexander e de Montgomery, que ninguém lho tirará.

Deve, porém, fazer-se nesta altura uma advertência esclarecedora.

Distinga-se entre a vitória dessa batalha e a vitória na Campanha da Tunísia. Uma não é a outra. O «Afrika Korps» derrotado na Linha de Mareth, não estava derrotado nessa Campanha. Tudo leva a crer que o será, mas nem será rápido nem fácil.

Desde aquele negro dia, o marechal sabendo bem que a máquina do 8.º exército não pôde pôr-se em marcha com velocidade, de novo o aproveitou. Deixando bolsas de resistência à retaguarda, meteu para o norte com o grosso das forças restantes, e ordenou a defesa a todo o transe das bôças dos desfiladeiros de oeste que rematam sobre as planuras do litoral o maciço montanhoso do Atlas sobretudo para evitar que o 5.º exército americano de Patton e o grupo de franceses de Leclerc, no sul e centro, se juntassem inevitavelmente ao 8.º exército de Montgomery. Apenas logo demorá-lo, porque nos dias 2 a 3 de Abril, esmagado o último trôço da cobertura italo-alemã em Kabil, no cruzamento da estrada do Sul com a de El Guettar, essa junção está virtualmente feita, começando então uma nova fase da batalha a que vamos assistir, porque Rommel e von Ar-

por Francisco Velloso

nim terão de enfrentar três exércitos e um grande comando com larga disponibilidade de início.

Mas para onde segue Rommel? Do mar, o almirante Cunningham tolhe-lhe os esforços e a fuga. Tem o inimigo, que logo recebeia reforços, à retaguarda. Tem-no sobre os flancos em pressão lenta mas progressiva. Aquela junção corresponde a sua, com von Arnim. Sabe-se que já mandara destruir Sussa quando as vanguardas de Montgomery estavam a 40 quilômetros a norte de Gabès. O recurso está em Bizerta e Tunes. É mesmo provável que ao longo do corredor litorâneo o haja feito, dispondo-se agora para o que se chamaria a batalha do Quadrilátero da Tunísia.

CONDIÇÕES DE UM DILEMA

O desencadeamento desta fase sobrevém no entanto quando no panorama geral do conflito, a batalha do leste europeu decaiu.

A Rússia suportou o maior peso, digamos até o peso essencial da Campanha de Inverno.

Em que é isto essencial? A esta pergunta que naturalmente brota da verificação analítica dos acontecimentos, dá resposta uma outra ordem de reflexões e exames que se tornam assás oportunos.

Entre as pontas do dilema da con-

clusão da Campanha de inverno na Rússia e o começo da batalha da Tunísia pincha de novo, e agora mais agudamente, a questão inapagável da segunda frente.

É que esta só pode abrir-se após terem sido satisfeitas duas condições coincidentes: — a «despoliticização das reservas combatentes do exército alemão e o domínio da guerra submarina. No primeiro destes dois objectivos (e é erro pensar em que, no plano geral da guerra por parte das Nações Unidas e outro diverso poderia ser encarado) operou a contra-ofensiva russa que culminou na capitação do 6.º exército alemão em Estalinegrado.

No segundo objectivo tem de operar o reforço de acção naval dos almirantados anglo-americanos. A batalha da Tunísia é um episódio preliminar — e assim lhe chamam — do assalto ao Continente, que urge decidir pela imobilização de material e efectivos que causa aos exércitos aliados, «espinho nos tendões das côxas» a despeito de um «comandante» que despoça tempo. O general inglês Sholto Douglas que comanda o exército aeronáutico do Médio e Próximo Oriente, anunciou do Cairo no dia 2 de Abril que a R. A. F. juntaria todas as suas forças para o grandioso assalto logo que a ofensiva da Tunísia termine com a vitória. Outras vezes antepõem esta condicional. É de lembrar que hoje no Próximo e no Médio Oriente se acumulam poderosas forças aliadas internacionais.

Há portanto a vista um período intermédio no conjunto das operações cuja maior ou menor duração terá influência no grau do esforço a empregar pelos altos comandos das Nações Unidas ao fazerem eclodir a «grande ofensiva de 1943», anunciada pelo presidente Roosevelt. Dê aproveitaram sem dúvida os alemães: há 1.º — para acabar e aperfeçoar a sua mobilização interna; 2.º — para, tanto quanto possível, vista a grandeza dos desfalques sofridos durante os últimos cinco meses, restaurarem as suas forças de combate; 3.º — para consolidarem as posições da defesa continental sobretudo nos países e regiões onde ela melhor pode ser atacada, a França, a Sardenha, a Sicília, a Grécia, a Holanda e a Dinamarca e a Noruega; 4.º — para utilizarem os deslocamentos de forças em outras frentes dessa defesa durante a estabilização da Campanha germano-russa; 5.º — para jugularem as tentações nacionalistas que já crepitam.

OFENSIVAS OU DEFENSIVAS ?

É muito interessante ler neste momento os comentários dos mais autorizados técnicos militares. Eles propõem que o Eixo, na presente conjuntura, tem fêbricamente três ordens de possibilidades. A ofensiva a oeste na Tunísia, mas já em Fevereiro se opinava que os germano-italianos (como acabamos de ver) não possuem meios para deter um assalto concentrado dos Aliados. A ofensiva a leste, e Goering fez efectivamente alusão a ela para o tempo quente, antes de Hitler, a 21 de Abril, declarar que dentro de um mês, os seus exércitos atacariam, mas é de crer que na Alemanha se conheça a actual capacidade da produção industrial de guerra na Rússia, a actividade das forjas e oficinas anglo-americanas, e a formidável esforço germânico (sete milhões de operários estrangeiros recrutados) não seja lançado numa batalha sem certezas imediatas de que os exércitos anglo-saxões e das nações suas aliadas não perturbarão de súbito as suas retaguardas, e a hipótese final é a de uma defensiva actualmente por meio de recepções escudadas, feitas com forças relativamente fracas mas fortemente apetrechadas contra forças superiores in-

(Continua na pág. 22)

«HIS MASTER'S VOICE»

Gramofones

ACABA DE CHEGAR

NOVA REMESSA DO

POPULAR PORTÁTIL

MODÉLO 97 — 800\$00



EST. Valentim de Carvalho

Rua Nova do Almada, 97

Enviamos grátis catálogo ilustrado



Três aspectos da recepção dada há dias pelo ilustre Ministro dos Estados Unidos, sr. Bert Fish, no palácio da Legação em honra dos membros das missões naval e do Estado Maior do Exército do nosso país que deverão partir dentro de poucos dias para a América do Norte onde se conservarão cerca de um mês, visitando a convite do govêrno norte-americano, as fábricas, os estabelecimentos e os centros que mais interessam às suas especialidades.



**EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
6.15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
8.45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
10.45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
12.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
16.45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
18.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
18.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
20.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
21.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
24.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

EMISSIONES DIARIAS

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

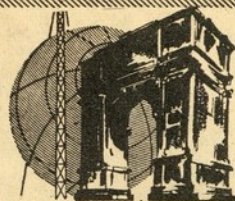


a voz de Londres fala, e o mundo acredita

Emissiones em LINGUA PORTUGUESA

Hora de Lisboa	Comprimentos de Onda	
8,45	41,75 m.	(7,19 mc/s)
	31,75 m.	(9,45 mc/s)
	31,32 m.	(9,58 mc/s)
13,15	24,92 m.	(12,04 mc/s)
	19,76 m.	(15,18 mc/s)
21,45	31,75 m.	(9,45 mc/s)
	41,75 m.	(7,19 mc/s)
	42,13 m.	(7,13 mc/s)
	261,1 m.	(1,149 kc/s)
	1,500 m.	(200 kc/s)

ESCUTAI



ROMA

**NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS**

Portugal Horas de	Programa	Postos	Metros	Kc/s
8.50	Noticiário	2 RO 21	19.92	15080
		2 RO 4	25.40	11810
13.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
16.10	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 11	41.55	7220
		2 RO 26	48.23	6220
18.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
22.50	Noticiário	2 RO 66	19.61	15300
		2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 3	31.15	9630
			221.10	ondas
			263.20	médias
1.00	Noticiário	2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760

CONVERSAÇÕES EM LINGUA PORTUGUESA

22.10	aos domingos	39.80
22.20	às quartas-feiras	31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

Luis de Oliveira Guimarães

**Dize tu
dizei eu**

• VIDA MUNDIAL EDITORA •

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XVIII - A ofensiva japonesa

6

OS OBJECTIVOS DUMA CAMPANHA

ANTES de proseguirmos na narrativa dos acontecimentos que se desenrolaram em terra, no mar e no ar, volta das Índias Holandesas, convém dar alguns esclarecimentos sobre as condições de ordem política em que os Países Baixos se viram envolvidos nos acontecimentos do Extremo Oriente e do Pacífico. Durante os anos que precederam a eclosão do actual conflito, a Holanda não tinha firmado, com nenhum dos seus aliados actuais, tanto em relação à segurança das suas colónias orientais como em relação à segurança da sua metrópole, quaisquer acordos especiais ou secretos. Os holandeses praticaram a política de segurança colectiva com uma firmeza e uma sinceridade totais. As suas forças armadas nas Índias como na metrópole tinham apenas um objectivo compreensível: a defesa do território nacional e a garantia da sua segurança e da sua soberania.

Na conferência de Washington de 1925, a Holanda pudera proclamar em excelente companhia, a da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da China e do Japão os princípios morais que norteavam a sua política, afirmando-os claramente perante a consciência do mundo. As quatro citadas grandes potências fizeram nessa altura, quanto à segurança das Índias Holandesas, declarações escritas que implicavam o apoio solene de que, em qualquer hipótese e quaisquer que fosse a evolução dos acontecimentos, a soberania holandesa nas suas possessões do Oriente seria escrupulosamente respeitada.

Quando, durante os últimos anos que precederam de perto a eclosão do conflito, o Japão se esforçou por obter uma posição preponderante nas referidas possessões, deparou com uma resistência tenaz e compreensível por parte do Governo de Haia. Quando mais tarde, depois da invasão e da ocupação da metrópole holandesa, aquela grande potência com a ameaça tácita duma invasão armada quis ver satisfeitas as suas reivindicações do tempo de paz, a resistência tornou-se mais forte. A Holanda sabia que só a violação expressa dos compromissos assumidos podia constituir o pedestal dum ataque de que, em última análise, ela seria a vítima.

UM PLANO DE ACÇÃO COMUM

A invasão do território holandês da Europa fez deste país um aliado da Grã-Bretanha, uma vez que o Governo de Londres afirmava o seu propósito de continuar a resistência com todos os recursos de que dispunha. Assim, entre os Estados Maiores dos dois países tornou-se necessário assentar na preparação de uma acção militar comum, a qual comportava a necessidade de planos prévios oportunamente estabelecidos. A assinatura do pacto tri-partido, assoldando estreitamente os destinos do Japão aos destinos das potências europeias do Eixo, levou

naturalmente a alargar a esfera desses planos ao Extremo Oriente, onde, segundo todas as probabilidades, não deixariam de se estender as chamas da fogueira que já crepitava tão alto no continente europeu e em África. A duração da guerra da China constituía, em disão, uma ameaça permanente contra a segurança dos vizinhos deste país, pois à medida que o tempo decorria cada vez se tornava mais evidente que o Japão não deixaria de procurar dominar o seu adversário chinês por todos os processos e que a perspectiva de um entendimento entre os dois grandes países asiáticos devia ser definitivamente excluída do campo das possibilidades imediatas.

O encerramento por três meses e, depois, a reabertura da estrada da Birmânia pelo Governo de Londres constituía também por essa altura um sintoma iniludível de que, longe de se esclarecer, a situação se agravava continuamente naquelas paragens. Foi tendo em consideração todos esses factores, de ordem política e de ordem militar, que o Governo holandês, já então instalado em Londres, resolveu tomar, de acordo com o seu aliado britânico, as medidas de precaução aconselhadas pelas circunstâncias. Que essas medidas, que se traduziram por um reforço da preparação militar local, não bastaram para impedir o ataque nipónico, e o seu êxito demonstraram-nos os acontecimentos que não tardariam a precipitar-se. Mas a Holanda, depois de ter cumprido escrupulosamente os seus compromissos esforçou-se, no limite das suas possibilidades, para corresponder às exigências da acção comum planada, fazendo todos os sacrifícios e mobilizando todos os recursos que lhe era possível empenhar na luta.

A METRÓPOLE HOLANDESA E AS COLÓNIAS

Deixando a ocupação pelas tropas alemãs da metrópole holandesa, as

Índias Orientais encontraram-se, pela primeira vez e depois dum século, privadas de qualquer contacto eficaz com os seus dirigentes. Esta circunstância não deixara de ser prevista e não encontrou desprevenidas as autoridades locais.

A grande depressão económica verificada em todo o mundo nos anos de 1930 e 1931 forçara a Holanda a abandonar a sua política económica tradicional de comércio livre. As despesas crescentes a fazer com os serviços de defesa nacional agravaram, a partir de 1935, de maneira decisiva, o equilíbrio orçamental do país. Essas despesas eram, em 1938, o dôbro do que tinham sido em 1935. Poucos países terão dado o exemplo de serem duplicadas, no curto prazo de três anos, as suas despesas militares.

As despesas com o exército holandês que em 1914, à data da eclosão da outra guerra, eram de 42 milhões de florins, tinham-se elevado em 1936 para cerca de 60 milhões, e em 1938 para cerca de cem milhões. A grave tensão internacional verificada durante esse período justificava o aumento de despesas que, entretanto, não deixava de se reflectir na situação geral do país. Em 1939 as despesas totais feitas pela Holanda com a sua força armada (exército, marinha e aviação), atingia a importantíssima cifra de 159 milhões de florins; em 1940 subia para 293 milhões, e em 1941 era de mais de trezentos milhões. Neste último ano, a quase totalidade destas despesas destinava-se a custear as necessidades criadas pela defesa das Índias Holandesas, gravemente ameaçadas já pela actividade da diplomacia e dos dirigentes económicos do Japão.

Os sacrifícios consentidos não o foram, porém, em pura perda. Em primeiro lugar, a Holanda deu ao mundo um espectáculo inesquecível de unidade nacional. Esta continua a ser a principal razão do conceito em que esse pequeno grande povo é tido nos meios internacionais. Em segundo lugar, o Governo de Londres fez, até final, a demonstração exube-

rente de que o respeito pelos compromissos tomados continua a ser a regra inflexível da sua conduta nos assuntos internacionais. Por último, a Holanda afirmou o propósito inabalável de defender aquilo que lhe pertence.

A PROSPERIDADE ECONÓMICA

A prosperidade económica das Índias Holandesas e o facto de elas constituírem um dos mais valiosos reservatórios de matérias primas de todo o Mundo, explica a natureza e a intensidade das ambições nipónicas. Só para os Estados Unidos, as Índias Holandesas exportaram em 1939 e 1940, últimos anos em que ainda foi possível realizar as tarefas pacíficas da produção, mercadorias no valor, respectivamente, de 150 e 290 milhões de florins. Nesses mesmos anos o valor das importações de origem americana foi, respectivamente, de 47 e 109 milhões de florins. Estes números bastam para demonstrar que era enorme o valor de créditos em dólares a favor das Índias Holandesas.

Sob o ponto de vista financeiro, a situação não era, nas vésperas de a guerra se abater sobre aquelas regiões privilegiadas, nem menos próspera nem menos encorajadora. As reservas ouro do Banco de Java elevaram-se rapidamente de 140 para 336 milhões de florins. Esta revalorização verificou-se em 1940, e foi o produto da política económica e financeira ali seguida escrupulosamente durante muitos anos. Nesse ano o Banco de Java pôde distribuir um dividendo de dez por cento, o que basta para dar ideia do grau de prosperidade a que havia conduzido o exercício da sua função.

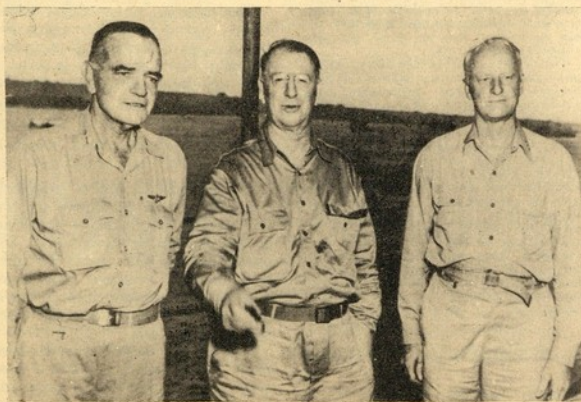
A balança comercial com o Império britânico acusou sempre, até ao início das hostilidades, um saldo favorável. Depois do início das hostilidades esse saldo aumentou em mais de cinquenta por cento. Com o Japão também as Índias Holandesas mantinham um comércio muito activo, este porém, sujeito, a partir de certa altura, a regras restritivas especiais impostas pela natureza das pretensões que os dirigentes de Tóquio não cessavam de afirmar publicamente. Essa política restritiva fez com que, nos anos que precederam a invasão nipónica, o valor do comércio entre as Índias Holandesas e o Japão tivesse baixado de maneira sensível e sintomática. Mas a situação anterior não deixaria certamente de restabelecer se tivesse sido possível resolver pacificamente as divergências suscitadas pretensões excessivas de Tóquio.

A PROSPERIDADE DO ARQUIPELAGO

Singapura desempenhou sempre um papel de grande importância na evolução económica das Índias Holandesas. Em 1939, numa exportação total de 775 milhões de florins, Singapura figurava com um montante de mais de cento e trinta milhões.

Para dar ideia do estado florescente em que se encontrava o comércio geral do arquipélago, nas vésperas de se ter desencadeado sobre o seu território o flagelo da guerra, basta referir as cifras representativas (em quantidade e valores) das importações e exportações, referidos aos últimos anos de paz.

Em 1937 as Índias Holandesas importaram 2 milhões de toneladas de mercadorias no valor de 490 milhões



Os chefes navais americanos acompanharam o ministro da Marinha dos Estados Unidos na sua recente visita de inspecção à zona de guerra do Pacífico. Nesta foto, Knox, ao centro, tendo à sua direita o almirante Halsey, comandante das forças do sul do Pacífico, e o almirante Nimitz, comandante em chefe da esquadra do Pacífico.

de florins; e exportaram mais de 11 milhões de toneladas, no valor de 989 milhões de florins. Em 1939 as importações mantiveram-se à volta de 2 milhões de toneladas de produtos importados, e o valor destes não se alterou, de maneira sensível, à volta de 472 milhões de florins; as exportações subiram, em quantidade, 12 milhões de toneladas, mas baixaram de valor, passando para 774 milhões de florins. Em 1940, embora ainda em pequenas proporções, que devem filiar-se na depressão geral causada pela guerra que já então assolava a Europa e fazia sentir as suas consequências no Extremo Oriente, verificou-se uma baixa. As importações baixaram para 1,8 milhões de toneladas, no valor de 444 milhões de florins, e as exportações para 11,2 milhões de toneladas, no valor de 931 milhões de florins. O aumento de valor nas exportações deve considerar-se ainda como uma consequência da luta militar que trazia, inevitavelmente, uma sítia dos preços.

Mas, de qualquer maneira, a situação do comércio geral das Índias Holandesas era, durante esse período, nitidamente encorajadora. Tudo indica que, sem a eclosão da guerra na Europa, essa situação continuaria a firmar-se e que o progresso que dela inevitavelmente devia resultar acabaria por consagrar definitivamente os seus benefícios ao arquipélago malaio. O quadro geral das importações e exportações, nas vésperas do conflito, documenta exuberantemente duas coisas: primeiro, a prosperidade económica, segundo, a sua função predominante na economia dos Estados Unidos do Oriente.

A VIDA NO ARQUIPÉLAGO

Uma categorizada revista americana, «The Index», classificava, por essa altura, as Índias Holandesas como a mais valiosa colónia que alguma vez foi possuída por potências europeias ou americanas. Expressão rigorosamente justa, se pensarmos nas riquezas incontestáveis acumuladas no fertilíssimo arquipélago. Reservatório de matérias-primas inesgotáveis, já tivemos ocasião de referir alguns dos seus principais produtos naturais. Entre eles avultavam, como dissemos, o caucho, o petróleo e o estanho. Em segundo plano, no domínio da produção, figuravam o quinino, a pimenta, o chá.

O comércio do arquipélago com os Estados Unidos era intensíssimo. A grande república norte-americana importava das Índias Holandesas 40 por cento do caucho que consumia, 25 por cento do estanho, 98 por cento do quinino. Em 1940 a produção local do petróleo atingiu cerca de sessenta mil barris, ou seja à volta de três por cento da produção mundial. O açúcar, o tabaco, o óleo de palma, o café completavam o quadro de uma produção verdadeiramente prodigiosa.

O desenvolvimento da exploração petrolífera no arquipélago era consequência da acção da Royal Dutch (Shell). A exploração do estanho era realizada directamente pelas autoridades locais sob a direcção superior do governo da colónia. Uma extensa rede ferroviária, mais de oito mil quilómetros, sulcava o arquipélago. Um serviço aéreo intenso entre a metrópole e o arquipélago facilitava a resolução rápida dos problemas de ordem administrativa ou económica que exigiam a intervenção do governador de Haia. Mas o Governador Geral era directamente nomeado pela Rainha, sendo auxiliado nas questões legislativas por uma assembleia consultiva, o Conselho das Índias Holandesas, composto por sessenta membros, metade dos quais devia ser recrutada entre os elementos mais categorizados e influentes da população indígena. Este regime funcionou sempre de maneira satisfatória até se produzir o ataque japonês.

A GRANDE ÁSIA

Compreende-se perfeitamente, perante estes números e estes factos, que o Japão tenha encorajado, desde que formulou o propósito de construir a Grande Ásia sob a sua hegemonia, ou para empregar a expressão de essência económica que disfarçava aquela realidade política, desde que pensou em organizar a esfera de co-prosperidade económica da Ásia, a medida de estabelecer nela o arquipélago malaio. A doutrina germânica do espaço vital veio apenas dar no Extremo Oriente uma actualidade nova às reivindicações

nipónicas que o Mundo conhecia na sua origem e nas suas expressões. O ataque estava previsto, ou devia esperar-se, desde que o Japão se decidiu a abandonar a política de colaboração com as potências anglo-saxónicas retirando-se da Sociedade das Nações.

Pode dizer-se que a política expansionista do Japão encontrou, invariavelmente, a sua explicação no desenvolvimento dos acontecimentos europeus. Foi a progressão dos russos no continente asiático que deu o fundamento moral à sua primeira acção militar. Foram as campanhas vitoriosas, conduzidas pela Prússia contra a Áustria, a Dinamarca e a França, e depois o sucesso magnífico a que, no domínio económico e no domínio militar, conduziu a realização da unidade alemã, que constituíram o exemplo decisivo que impulsionou os dirigentes nipónicos e os encorajou a prosseguirem na senda dos armamentos intensivos.

Depois das vitórias estrondosas conseguidas contra a China e contra a Rússia, o Japão tornou-se uma potência de interesses mundiais e de significação extra-continental. A sua voz nos debates internacionais tinha o apoio de um exército aguerrido, de uma esquadra magnífica e de uma população laboriosa decidida a realizar, quaisquer que fossem os obstáculos a vencer, os seus objectivos nacionais. As Índias Holandesas eram uma presa tentadora demais para poder ser deixada ao esforço de uma pequena nação europeia que realizara uma prodigiosa obra colonizadora e civilizadora mas que não tinha a amplitude e as forças dos exércitos e das esquadras que, mais uma vez em 1939, passaram a decidir do futuro do Mundo.

A SORTE DAS INDIAS HOLANDESA

A sorte das Índias Holandesas, pelo menos transitoriamente, estava regulada desde o dia em que o Japão definiu claramente a sua política de expansão no Extremo Oriente e no Pacífico. Essa sorte não pôde ser evitada pelo heroísmo de que, durante a luta, deram provas os soldados europeus e indígenas, os marinheiros da esquadra holandesa das Índias e os seus aviadores. A população associou-se, entusiasticamente, à luta e contribuiu para demorar o seu desenlace. Ainda agora a resistência, apesar do regime de ocupação, não deve considerar-se completamente terminada, pois em vários pontos do arquipélago se assinala a existência de vários focos que as tropas ocupantes não conseguiram dominar.

A derrota não pôde ser evitada pela luta que os defensores travaram nos portos petrolíferos, pela defesa da base naval de Amboina, de Medan e de Palembang, pela destruição sistemática das instalações de exploração do petróleo e das plantações e pelos combates tenazes conduzidos para defender a ilha de Java onde sessenta mil homens resistiram, durante algumas semanas, ao ataque em massa realizado por um exército de desembarque de mais de duzentos mil homens dotados do mais moderno material de guerra e do mais perfeito equipamento e apoiados por uma esquadra poderosa e por uma aviação de primeira ordem. Durante a campanha de Java, momentos houve em que por cada avião holandês que subia apareciam no ar cinco ou seis aparelhos nipónicos.

Mas a ocupação do seu arquipélago não desencorajou a actividade dos holandeses. Dessa actividade, no plano militar, são provas exuberantes o auxílio dado pela aviação holandesa à defesa de Singapura, os ataques custosos da marinha holandesa, cujo espírito de sacrifício foi extraordinário, nas águas da Malásia e das Filipinas, e o auxílio que, mesmo depois da ocupação do arquipélago, a Holanda tem incansavelmente prestado à causa dos Aliados. Bem pode dizer-se que, no Extremo Oriente e no Pacífico, esse auxílio foi um dos factores que fez mudar, em determinada altura, o sentido da corrente que impulsionava as vitórias nipónicas.

(Continua)

ESTE NÚMERO É DE 24 PÁGINAS E FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Caravana Internacional

Francisco Veloso

(Continuação da página 18)

migas mas isoladas ou possivelmente descoordenadas, desde que esteja em causa, como parece, a possibilidade de ser levada a fundo uma ofensiva contra os russos no verão, em virtude do crescente poderio militar das Nações Unidas que não permite, de modo algum, à Alemanha a decisão de atacar desgarrando as retaguardas e os flancos, o que daria vantagens estratégicas preciosas à acção dos seus inimigos.

Quando os chefes alemães falam da vitória, pela defensiva não querem exprimir senão este condicionamento que vimos de apresentar. É certo que sem mesmo o Grande Frederico II, que foi mestre nesses métodos de ganhar guerras, conseguiu

tal alvo. Mas agora o problema modificou-se. Desde 1918 está provado que nas guerras e conflitos entre coalizões, não ser derrotado é também ganhar quando derrotado pode ser um risco.

Sómente, nestes casos (e eis o fulcro actual do problema) a par, se não mais do que a acção militar tem de usar-se a acção política em manobras hábeis de perfuração. E tudo isto que deixámos como ponta de véu soerguida com cautela, poderia fazer parte do plano, atrás apontado, da defensiva alemã, neste momento em que o Mundo aguarda em frênticos que os acontecimentos ultrapassem o seu ângulo decisivo.

3-4-1943.



O Presidente Inonu, da Turquia, passando revista às suas tropas durante umas manobras militares

7 DIAS DE CINEMA

(Continuação da página 9)

Teatralidade, ou excesso de mimetismo — como quer Fernandez Ardavin — eis o inimigo. E enquanto ele não for dominado — o cinear será sabotado pelos seus próprios construtores...

O problema do cinema espanhol, como do cinema português — é, no seu aspecto industrial, o problema de insuficiência de mercados. A Espanha, com os seus quatro mil cinemas, tem um mercado vastíssimo, mas em compensação luta contra o peso asfixiante das taxas que oneram a exploração.

Eusébio Fernandez Ardavin declara, e com razão, que não é possível pôr em equação o problema da qualidade cinematográfica, sem entrar em linha de conta com o factor material:

— Não se esqueçam de que o cinema é a única Arte onde os elementos materiais influem em 80

por cento do resultado final. O pária, mais miserável, pode votar-se a escrever a obra mais maravilhosa deste mundo — desde que tenha um lápis e umas folhas de papel. No cinema, não. O cinema — arte, criação artística — apoia-se, nessa proporção, que não é exagerada, sobre os elementos de ordem material.

Nem sempre o problema terá sido pôsto com tamanha simplicidade e tão espantosa lucidez.

O problema económico — miséria e grandeza dos cinemas, que lutam contra a estreiteza dos limites dos seus mercados — não lhes permite mais largos vãos.

E recordadas estas palavras de Eusébio Fernandez Ardavin, «A Florista da Rainha», que ele dirigiu, parece-nos trazer dentro de si a vontade tenaz de acertar», chama que brilha de tela em tela, levada pelas mãos daqueles que, a milhares de anos de distância, de cinema em cinema, repetem os passos da dramática «Corrida do Facho» dos atletas da Grécia antiga.

RUMORES DO MUNDO

Como foi confirmada a notícia de que Hitler já não é o «Comandante supremo» do exército alemão?

O locutor da emissora de Berlim, ao descrever a entrada do chanceler alemão na sala em que pronunciou o seu discurso no dia 21 de Março, disse:



KEITEL

«Hitler é seguido pelo marechal Goering e pelos comandantes dos três serviços combatentes marechal de campo Keitel, almirante Doenitz, marechal do ar Milch e o chefe dos S. S., Himmler».

Pouco depois, o mesmo locutor referiu-se, por duas vezes, ao marechal de campo Wilhelm Keitel, designando-o pelo título de comandante supremo do exército, e logo a seguir aludiu aos «comandos supremos dos três serviços combatentes».

Podemos daqui concluir que o marechal Goering também abandonou o seu posto de chefe da «Luftwaffe», onde foi substituído pelo marechal Milch.

Mais tarde, durante o serviço noticioso para o ultramar, o mesmo locutor afirmou ainda: «Hitler falou hoje como supremo comandante das Forças Armadas Alemãs» — título este que é atribuído automaticamente a todos os chefes do Estado germânicos, logo que sobem ao poder.

Porque motivo, sendo Marshall o chefe do exército americano, não foi ainda promovido à patente de marechal?

ESTE assunto foi recentemente debatido nos círculos militares norte-americanos e a sua explicação vem expressa num dos últimos exemplares do «Journal do Exército e da Marinha».



MARSHALL

O próprio general George C. Marshall, chefe do Estado Maior do Exército dos Estados Unidos, recusou-se a aprovar a proposta que o promovia à patente de marechal de campo. O referido jornal conta que o secretário da Marinha, coronel Knox, sugerira numa carta dirigida ao senador Walsh, presidente da Comissão dos Negócios Navais no Senado, a criação do posto de marechal de campo, em contra-partida da solicitação do Ministério da Marinha para a criação da patente de almirante da esquadra, na pessoa do almirante Ernest J. King, chefe das operações navais.

O senador Reynolds, presidente da Comissão dos Negócios Militares no Senado, informou o «Journal do Exército e da Marinha» que, quando estava tudo pronto para

apresentar a proposta da criação do posto de marechal, soubera que o general Marshall não queria aceitar a sua nova promoção. Isto, talvez porque o nome de Marshall significa marechal, o que equivaleria a dizer, empregando um trocadilho barato, que Marshall não quer aceitar a sua nova promoção porque é como a pescada: antes de o ser, já o é...

Qual a opinião da Senhora Roosevelt sobre a possibilidade de seu marido vir a ser nomeado Presidente dos E. U. pela quarta vez?

AS discussões sobre a nova eleição presidencial nos Estados Unidos em 1944 tem provocado não só grande agitação política, mas também certo nervosismo especulativo entre os membros de todos os partidos norte-americanos.

É por isso que a sr.^a Roosevelt ao ser interrogada sobre o assunto, deu a seguinte resposta agreste mas, em todo o caso, absolutamente razoável:

«Ninguém sabe o que acontecerá durante os dois próximos anos. Nessa altura, já podemos estar todos mortos».

E acrescentou: «É ainda muito cedo para se saber o que o povo quer realmente».

«Levantar a questão numa altura destas é uma perfeita loucura, porque produz desnecessária agitação política e prejudica o nosso esforço de guerra».

Quem é o major-general Ira C. Eaker?

OS bombardeamentos aéreos realizados, de dia, pela aviação americana e, de noite, pela R. A. F., trouxeram para a primeira linha das altas individualidades militares norte-americanas, o nome do major-general Ira C. Eaker, chefe das forças aéreas dos Estados Unidos, aquarteladas na Grã-Bretanha.



EAKER

A sua missão é imprimir ao 8.^o Corpo das Forças Aéreas americanas a mesma eficiência e impetuosidade de ataque já atingidas pelos aparelhos do Comando de Bombardeiros da R. A. F.

O general Eaker nasceu em Field Creek, no Estado do Texas, em 1896. Aos 22 anos, entrou para a 2.^a Esquadilha Aeronáutica e, imediatamente, foi enviado para as Filipinas, onde lhe confiaram o comando do Depósito Aéreo daquelas ilhas.

Quando regressou aos Estados Unidos encarregaram-no do comando mais invejado por todos os aviadores norte-americanos — o «Mit-

chell Field» da cidade de Nova-York, um dos mais importantes aeródromos do mundo.

Como foi realizado o último atentado contra Marcel Déat?

DÉAT, chefe fascista francês, foi atacado à pistola por vários terroristas na sua casa de campo, onde se encontrava com sua esposa ontem à noite — foi assim que as emissoras controladas pelas potências do Eixo comunicaram ao mundo a notícia de que, na noite de 9 de Março, Déat escapara mais uma vez às balas dos seus



DÉAT

inimigos.

Os projectéis não atingiram nem Déat nem a esposa, mas o polícia que os escoltava ficou ferido.

Todos os fios telefónicos das vizinhanças de Navers, 120 milhas ao sul de Paris, foram cortados pelos terroristas antes do assalto, de forma a facilitar-lhes a fuga.

Marcel Déat é o director do jornal parisiense «L'Oeuvre» e chefe duma milícia fascista privada, e já por duas vezes foi alvo de ataques deste género.

Em Agosto de 1941, tanto ele como Laval foram feridos a tiro de pistola e ficaram em estado grave. E, em Março de 1942, uma bomba, que não explodiu, foi arremessada contra Déat, quando este discursava numa reunião política em Paris.

Quais são os mais cotados chefes militares dos Estados Unidos?

A seguir ao Presidente Roosevelt, que ostenta o título honorário de comandante supremo de todas as forças armadas norte-americanas, existe, no exército americano, um quatuor virato formado pelos generalíssimos Marshall, Mac Arthur, Eisenhower e Arnold. Dividem entre si ou a chefia de forças armadas em campanha ou a direcção dos departamentos oficiais de Washington, encarregadas de preparar e organizar as operações militares.



ARNOLD

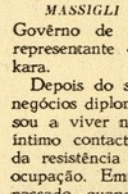
Assim, Marshall é o chefe do Estado Maior do exército e está em Washington; Mac Arthur é o comandante-chefe de todas as forças combatentes do sudoeste do Pacífico e encontra-se na Austrália; Eisenhower é o chefe de todos os exércitos aliados da área do Norte de África, e Arnold, que só foi promovido ao posto de general com quatro estrelas em meados de Março último, superintende, em Washington, todas as forças aéreas norte-americanas.

A recente promoção de Arnold serve para acentuar, de maneira que não admite dúvidas, a crescente im-

portância do papel que os aviadores americanos estão a desempenhar em todos os teatros de guerra. Há alguns meses, declarou que, dentro de pouco tempo, teria sob as suas ordens 60.000 oficiais e 1.000.000 de soldados com instrução aeronáutica, e que, em Junho do ano corrente, este total duplicaria, caso fosse necessário, o que traduz bem o grau de desenvolvimento da aviação dos E. U. A.

Quem é René Massigli?

MASSIGLI conta 53 anos e é um dos mais conhecidos diplomatas franceses do antigo regime. Foi director da secção política do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Francesa e embaixador na Turquia. Os seus sentimentos anti-nazis são muito conhecidos e, por esse motivo, em Julho de 1940, foi demitido, pelo



MASSIGLI

Governo de Vichy, do cargo de representante da França em Ankara.

Depois do seu afastamento dos negócios diplomáticos, Massigli passou a viver no sul da França em íntimo contacto com os elementos da resistência contra as forças de ocupação. Em Novembro do ano passado, quando os alemães entraram na zona não-ocupada, Massigli ajudou a vigilância da polícia e viveu escondido até que conseguiu fugir de França.

Encontra-se agora em Londres, onde o general De Gaulle o nomeou Comissário Nacional para os Negócios Estrangeiros da Organização dos «Francêses Combatentes».

Quem é o novo comandante da «Home Fleet»?

COM a transferência do almirante sir John Tovey, o homem que dirigiu a caçada ao «Bismark», para o comando do Norte, coube a vez ao almirante sir Bruce A. Frazer de assumir o cargo de Supremo Comandante da «Home Fleet».

Sir Bruce Frazer, toma posse do seu novo posto numa ocasião em que se exige a extraordinária acuidade das esferas navais, para dominar a ofensiva submarina do almirante Doenitz e fazer face à esquadra do Alto-Mar alemã concentrada nos portos da Noruega, caso esta se atreva — como se prevê — a entrar em acção.

Quando a guerra estalou, sir Bruce, que desempenhava as funções de Terceiro Lord do Mar e Controlador da Armada, foi responsável pela edificação de planos que tinham por fim o desenvolvimento e ampliação, como convinha, para a guerra, das instalações navais britânicas. Conta actualmente, 54 anos.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO

FIGURAS, PALAVRAS E GESTOS



Nesta guerra total, o esforço das mulheres quási que iguala o dos homens. Vivem as mesmas angústias e correm por assim dizer os mesmos perigos. Esta americana tem o posto de tenente. Chama-se Mae Olson e pertence ao Corpo de Enfermeiras Militares dos Estados Unidos. Viaja a bordo dos grandes aviões de ambulância que transporta os feridos dos combates do Pacífico para os hospitais de outras bases americanas.

AVULSO
ESC.
1.20

ANO II—N.º 99

8

ABRIL
1943